



Língua

Portuguesa III

Ana Maria Mota Carbonell e Giselaíne Lins Daniel

Sumário

Aula 1	Teoria da comunicação segundo Jakobson	5
Aula 2	Comunicação e linguagem	8
Aula 3	Oralidade e escrita I	12
Aula 4	Oralidade e escrita II	16
Aula 5	Expressão oral – os vários “tipos” de fala	19
Aula 6	Expressão oral – o jargão do mundo corporativo	22
Aula 7	Expressão oral – argumentação e persuasão	26
Aula 8	Expressão oral – ampliando a competência	29
Aula 9	Ruídos na comunicação – os vícios de linguagem	31
Aulas 10 e 11	A expressão escrita	34
Aulas 12 e 13	A expressão escrita – a coerência textual	39
Aula 14	Expressão escrita: treinando a habilidade de ler e entender textos ..	43
Aula 15	A expressão escrita - esquema	47
Aula 16	A expressão escrita – resumo	49
Aula 17	A expressão escrita – roteiros	52
Aula 18	A expressão escrita – relato	54
Aula 19	A expressão escrita – relatório	58
Aula 20	Expressão corporal: a linguagem do corpo	61
	Dinâmicas de grupo.....	64
	Referências	68
	Atividades autoinstrutivas	69

Nota Sobre as autoras

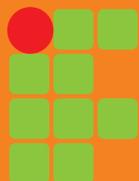
Ana Maria Motas Carbonell

Graduada em Letras Português - Espanhol pela UFPR e Pós graduada em Tecnologias Educacionais pela PUC/PR. Certificado Superior em Língua Espanhola pela Universidade de Salamanca – Espanha. Professora do Ensino Médio, Pré-vestibular e Ensino à distância em Curitiba. Autora de materiais didáticos para cursos preparatórios.

Giselaine Lins Daniel

Pós-graduanda em Estudos Linguísticos e Literatura - Fundação Santo André - SP. Licenciada em Letras Português - UFPR. Professora do Ensino Médio em escolas particulares e pré-vestibulares em Curitiba e São Paulo. Redatora e revisora de textos. Autora de materiais didáticos para cursos preparatórios e treinamentos empresariais.

Apresentação



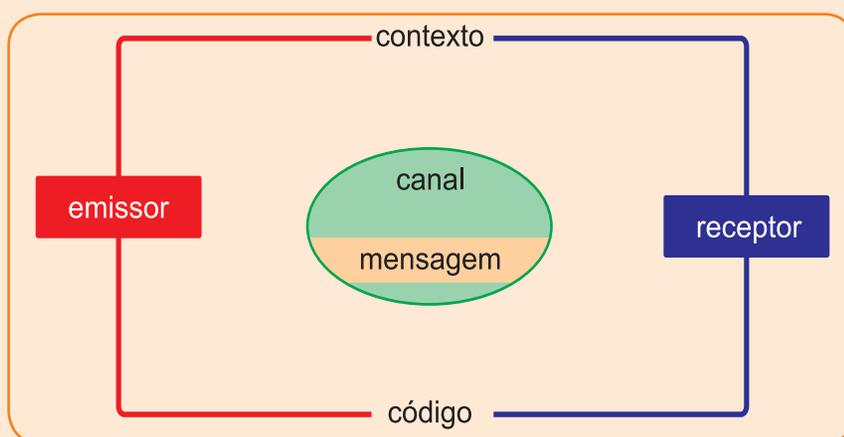
Prezado aluno:

Nos materiais anteriores, especialmente na apostila 1, já conversamos um pouco sobre o processo de comunicação, seus agentes e eventuais problemas ao transmitir mensagens. Agora, iremos aprofundar um pouco mais esses estudos, e conversar mais detalhadamente sobre como expressar-se, seja oralmente, por escrito ou por meio da linguagem corporal.

Em relação à comunicação verbal, o modelo mais conhecido e difundido é o do filósofo russo Roman Jakobson. Sua intenção, ao propor o “esquema” que você conhecerá a seguir, era demonstrar que a comunicação humana se estrutura a partir de alguns elementos, atendendo a finalidades específicas. A base da teoria da comunicação de Jakobson está na identificação de seis elementos presentes, segundo o teórico, em todas as situações de interlocução. São eles:

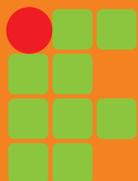
- Os participantes de um ato comunicativo: o **emissor** (também chamado de locutor ou enunciador) e o **receptor** (interlocutor ou destinatário).
- O **canal** em que se dá a comunicação. O canal é o **meio** físico por onde circula a mensagem entre os interlocutores (ondas sonoras, papel, bytes, etc.).
- A **mensagem** a ser transmitida. É o enunciado que produzimos ao selecionarmos e combinarmos linguagens.
- O **código** em que a mensagem é transmitida. Trata-se do sistema que é adotado pelos interlocutores. No nosso caso, nas mensagens orais ou escritas, o código é sempre a língua portuguesa.
- O **contexto** a que a mensagem se refere. É a situação ou o tema/conteúdo que originou a mensagem.

Esquema do processo de comunicação de Jakobson



*Fique atento:

1. A interlocução depende da existência de um locutor (o sujeito que fala ou escreve) e de alguém a quem a enunciação é dirigida (o interlocutor) e supõe, necessariamente, a existência de uma situação de comunicação. É só no “cruzamento” de interlocutores que um enunciado ganha sentido.



2. Enunciado, em lingüística, refere-se a tudo o que tem como objetivo comunicar algo, em um determinado contexto, para um determinado interlocutor.

ATENÇÃO: na apostila 1, você pode revisar as funções da linguagem, que são o conjunto das finalidades comunicativas dos enunciados que produzimos.

***Algumas questões de recapitulação:**

(Enem, 2006) Texto para as questões 1 e 2:

Aula de português

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.

Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. Esquecer para lembrar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

1. Explorando a função emotiva da linguagem, o poeta expressa o contraste entre diferentes usos da linguagem ao mencionar:

- a) situações formais e informais.
- b) diferentes regiões do país.
- c) escolas literárias distintas.
- d) textos técnicos e poéticos.
- e) diferentes épocas.

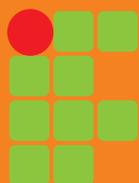
2. No poema, a referência à norma culta da língua portuguesa está expressa no seguinte trecho:

- a) “A linguagem / na ponta da língua” (versos 1 e 2).
- b) “A linguagem / na superfície estrelada de letras” (versos 5 e 6).
- c) “[a língua] em que pedia para ir lá fora” (verso 14).
- d) “[a língua] em que levava e dava pontapé” (verso 15).
- e) “[a língua] do namoro com a priminha” (verso 17).

3. Indique a função da linguagem que prevalece em cada um dos registros abaixo:

- a) “Trago no meu peito um sentimento de solidão sem fim.”
.....
- b) “Não discuto com o destino, o que pintar eu assino.”
.....
- c) Machado de Assis é um dos maiores escritores brasileiros.
.....
- d) Conheça você também a obra desse grande mestre. Aproveite nossa oferta!
.....
- e) Semântica é o estudo da significação das palavras.
.....

» Anotações



O homem tem a necessidade de comunicar-se: a comunicação é a base da vida em sociedade. Dizemos que ela foi estabelecida quando conseguimos ser compreendidos por quem interage conosco. Basta pensar que, em nosso cotidiano, é comum ouvirmos (e usarmos) expressões do tipo: “foi um problema de comunicação”, “faltou comunicação”, etc. Ou seja, **nossas relações, profissionais e pessoais, serão tão bem-sucedidas quanto mais eficaz for a nossa capacidade de comunicação**. Especialmente no ambiente corporativo, precisamos garantir que fomos compreendidos e, também, que compreendemos o que nos foi transmitido.

O que possibilita a comunicação humana é a LINGUAGEM. Observe, a esse respeito, uma célebre frase do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.):

“Somente o homem é um animal político [cidadão], isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. A linguagem permite ao homem exprimir-se e é isso que torna possível a vida social”.

Como podemos perceber, já Aristóteles atribuía à capacidade de estabelecer linguagem, algo que só o ser humano é capaz de fazer, ao fato de os homens conseguirem viver em sociedade.

Lendo isso, talvez você esteja se questionando: mas os animais também se comunicam!

De fato, a linguagem animal, constituída pela emissão de sons e comportamentos determinados, garante a sobrevivência e a perpetuação das espécies. Todavia, há uma diferença fundamental entre nós e eles: enquanto a comunicação dos animais é estática e condicionada, ou seja, não consciente, a nossa é fruto de raciocínio. Nossa expressão, por meio da linguagem, é consciente e intencional. Além disso, é dinâmica e criativa.

Ao pensarmos em linguagem, é comum que a associemos apenas ao “verbal”, ou seja, ao que é escrito ou falado, mas ela tem um conceito mais amplo. À nossa volta, podemos perceber diferentes linguagens, que apelam a todos os nossos sentidos e, em relação ao processo de comunicação humana, reconhecemos, portanto, dois tipos de linguagens:

1. Linguagem não-verbal: gestos e mímicas (expressão corporal), cores, desenhos, dança, música, pintura...

Como exemplo desse tipo de linguagem, podemos citar os signos de trânsito (as cores do semáforo e as placas de sinalização). Embora não exista, nesse sistema de comunicação, nada “escrito”, recebemos a mensagem que está sendo transmitida: “Pare”, “Atenção”, “Proibido virar”, por exemplo.



Outro contexto em que a linguagem não-verbal predomina é no mundo dos esportes. Pense: que uso fazemos da linguagem não-verbal nessas situações?

Além disso, é importante salientar que é perfeitamente possível produzir um enunciado fazendo-se o uso conjugado de linguagem verbal e não-verbal. Há vários exemplos desse uso, como as charges, as histórias em quadrinhos, os gráficos e tabelas, os anúncios publicitários, etc.

2. Linguagem verbal: as palavras – orais ou escritas.

A linguagem verbal humana é concretizada por meio de um sistema socialmente constituído, que é a **língua**. Ora, uma língua é composta por palavras e por regras que as combinam, permitindo que expressemos uma idéia, uma emoção, uma ordem, enfim: um enunciado, uma mensagem. Cabe observar que essas regras e palavras são comuns a todos os membros de uma determinada comunidade. Por exemplo: no Brasil, a língua é a portuguesa. Outras comunidades também constituíram seus sistemas, e por isso existe a língua inglesa, a alemã, a italiana, etc. Todavia, isso não significa que todos os brasileiros falem de maneira igual: cada um fala do seu jeito, conforme o lugar, a situação e com quem está falando. E é justamente esse uso, pessoal e único, que caracteriza a **fala**.



Você Sabia?

No mundo, existem 2.700 línguas e 7 mil dialetos, que são variações regionais da língua. As três línguas mais faladas no mundo são, respectivamente, o mandarim, o híndi e o inglês. O português ocupa a 6ª colocação, e é falado, também, em Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Macau, Guiné-Bissau, Timor Leste e São Tomé e Príncipe.

*Recapitulando:

Linguagem verbal: faz uso da língua, das palavras, seja oralmente ou por escrito.

Linguagem não-verbal: utiliza qualquer outro código que não seja a palavra.

Língua: sistema socialmente constituído.

Fala: uso que cada indivíduo, cada falante, faz de sua língua.

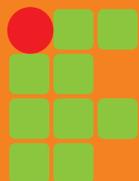


1. Diferencie a comunicação humana da comunicação dos demais animais.

Observe a figura abaixo para responder às questões 2 a 4.



2. Você acha que a comunicação foi estabelecida? Justifique sua resposta.



O processo de comunicação verbal efetiva-se na construção de um enunciado, seja ele oral ou escrito. Portanto, há duas formas de interação social por meio da linguagem verbal: nós nos comunicamos **falando** ou **escrevendo**. Se pararmos para pensar, veremos que, tanto individualmente quanto historicamente, o homem primeiro falou, para depois escrever. Além disso, a fala é algo natural, ao passo que a escrita é “aprendida”, resultado da interação social, ou seja, da vida humana em atividade.

Um bom “comunicador”, ou seja, alguém capaz de se fazer entender, transita bem entre essas duas esferas. É um falante competente e, também, sabe como comunicar-se por meio da escrita. É o equilíbrio dessas duas habilidades que garantirá sua eficiência, no âmbito profissional especialmente. Isso porque a linguagem constitui tudo o que acontece ao nosso redor e as empresas, cada vez mais, têm clareza da importância da comunicação para sua sobrevivência e a de seus produtos e/ou serviços.

Antes, porém, de olharmos isoladamente para cada um desses aspectos, falaremos de outro conceito importante:

A adequação

O processo comunicacional não é algo simples. Pelo contrário, pode ser bastante complexo, a depender do domínio que cada interlocutor tiver da linguagem. Em síntese, ele depende de:

- quem fala/escreve,
- com quem fala/escreve,
- sobre o que fala/escreve,
- em que situação fala/escreve.

A sociedade é dinâmica, a língua é dinâmica e também o são nossas relações (profissionais ou pessoais). Vivenciamos e passamos por muitas situações, as pessoas são diferentes e cada dia apresenta seus desafios. Melhor do que falar em certo ou errado em linguagem, portanto, é falar em **adequação**. Mas o que isso significa?

Significa dizer que um **enunciado será considerado adequado quando for apropriado aos elementos presentes no processo de comunicação**.

Observe na tabela a seguir algumas situações de comunicação. Nos dois últimos exemplos, julgue se o uso da linguagem é adequado ou inadequado, justificando sua resposta.

Situação	Enunciado (mensagem)	Adequação
Professor proferindo uma palestra para alunos do Ensino Médio	<i>Prezados discentes, a outorga dessa responsabilidade, de estar perante a esta seleta plateia, muito me orgulhou....</i>	Inadequado Difícilmente o professor prenderá a atenção dos alunos, por usar termos cultos e fala muito elaborada.
E-mail entre colegas de trabalho	Mariana, Segue a apresentação, tomara que você goste. Bjo, Gi.	Adequada Apesar do uso da abreviação, a fala é totalmente aceita numa conversa informal entre colegas, ainda que em ambiente de trabalho.
E-mail de funcionário para o RH da empresa	Arlindo, bom dia, em relação às minhas férias, o RH já tem um posicionamento? Att., Pedro.	
Candidato em entrevista de emprego	– É que na outra firma tinha um cara que se achava e que eu não ia com a cara dele...	

Ainda sobre a adequação da linguagem, vale uma ilustração: assim como nosso vestuário, a língua, o registro linguístico, deve ser apropriado a cada situação. Ninguém se veste da mesma forma para ir ao parque e para ir a uma festa de formatura ou casamento, por exemplo. Com a linguagem é a mesma coisa e, de maneira geral, distinguimos dois tipos de registros linguísticos, para a fala e para a escrita:

- **o padrão coloquial ou informal:** que é o emprego das estruturas de forma espontânea, em ambientes mais descontraídos e informais, com amigos ou familiares. Independe de regras normativas e é inerente aos falantes nativos de uma língua;

- **a norma culta ou formal:** é empregada em situações de formalidade, de maneira mais elaborada e planejada. Neste caso, há a conformidade com as regras da gramática normativa, ensinada e, pelo menos em tese, aprendida nos bancos escolares.

Existe, ainda, a noção de variedades linguísticas, que serão objeto de estudo nas próximas aulas.



1. Nas situações que se seguem, aponte o que não está adequado, descubra o motivo e faça as modificações que as tornem coerentes com seus interlocutores, ou seja, com quem as fala e com quem as ouve:

a) Professor despedindo-se de seus alunos ao término da aula:

“Durmam bem. Sonhem com os anjinhos.”

b) Padre despedindo-se dos fiéis após a missa:

“Falô aí, galera. A gente se esbarra.”

c) Candidato a vereador apresentando as metas, para conseguir votos:

“Se der tempo e sobrar dinheiro, estou querendo melhorar as escolas públicas.”

d) Genro falando com a sogra:

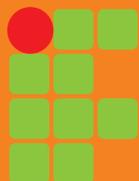
“ Sai da frente. Sua mãe não te deu educação?! ”

e) Empregado falando com o patrão:

“ Eu já te disse que não é assim que faz...! ”

f) Filha pedindo a seu pai ciumento para sair à noite:

“Pai, tô ficando com um cara de 23 anos e ele vem me buscar para a gente sair, tá?”

**Acompanhe o seguinte diálogo entre duas pessoas:**

- E aí, conseguiu passar lá?
- Consegui, mas ela não tava... A outra me atendeu.
- E ela achou o papel?
- Não, não achou... E disse que a gente vai precisar mesmo daquela folha.
- Tá, mas mesmo assim fica faltando um... Como vamos fazer?
- Pois é... só indo lá mesmo, pra tentar conversar.

Agora, vamos refletir sobre as seguintes questões:

- Você entendeu do que as duas pessoas estavam falando?
- Quantos indivíduos são mencionados na conversa?
- Que situação pode ter gerado o diálogo acima?
- Apesar de não sabermos do que se trata, estava claro para os participantes da conversa o assunto/situação?
- Que palavras, no diálogo, são de conhecimento exclusivo dos dois falantes?

Certamente poderíamos criar várias hipóteses para o surgimento do diálogo acima, mas de maneira nenhuma poderíamos afirmar categoricamente o que havia ocorrido. Já para os dois falantes, que tinham conhecimentos prévios do assunto, do acontecimento, o diálogo foi perfeitamente coerente e inteligível. A conversa “misteriosa” serve, na verdade, para ilustrar um aspecto fundamental na comunicação verbal: a natureza diversa da fala e da escrita.

Observe a seguinte tabela:

FALA	ESCRITA
Dependência de um contexto, de uma situação ou conhecimento prévio.	Pouca ou nenhuma necessidade de conhecimento prévio.
Espontaneidade, ausência de planejamento, fragmentação, permite a digressão e a re-elaboração dos enunciados.	Planejada, elaborada, tem como principal fator a coerência e o encaixe lógico das ideias.
Predomínio de frases curtas, na ordem direta, liberdade de repetição.	Construções mais complexas, preocupação com a clareza textual, ausência de repetições (coesão).
Apoiada pelos recursos paralinguísticos: gestos, entonação, contato físico...	Constituída unicamente pela escrita e seus elementos.
O receptor ou destinatário é um falante.	O receptor ou destinatário é um leitor.
Forte presença de repetições e elementos fáticos, tais como: “né, daí, então, tipo assim...”.	Ausência de marcas da oralidade, respeito à norma culta.
A interlocução é direta, “real”.	A interlocução é indireta, “virtual”.

Pensar nas diferenças entre a fala e a escrita é fundamental para o bom planejamento (e cumprimento) da nossa comunicação.

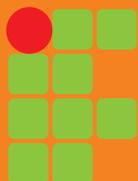
*Importante: O grande desafio é estar preparado para utilizar o nível de linguagem adequado à situação e aos respectivos interlocutores. Além disso, é indispensável ter sempre em mente a intencionalidade de um enunciado. Ou seja, quem fala ou escreve? Qual o propósito de veicular determinada mensagem?



Leia os textos a seguir:

Texto 1:

- A mãe tá aí?
- Não, ela foi na Ana.
- Quando ela volta?
- Daqui a pouco.



Texto 2:

- Sua mãe tá aí?
- Não, ela foi na cabeleireira. Se você quiser entrar e esperar...
- Não, eu dou uma passada lá.

Texto 3:

- Poderia falar com a senhora Rosana Alves?
- Ela não está.
- A que horas que posso encontrá-la?
- Ela volta em 1 hora.
- Eu passo mais tarde então. Obrigado.

Responda às questões:

1. Quem seriam os possíveis personagens de cada diálogo, isto é, quem seriam os interlocutores? Justifique sua resposta.

2. Qual é a informação desejada pelas pessoas que fazem as perguntas?

3. Qual o comportamento da pessoa que fornece as respostas, em cada situação?

» Anotações

Uma língua sempre é reflexo da sociedade que a utiliza. Ora, os indivíduos não são iguais, portanto, também a língua e a fala são heterogêneas. No Brasil, e em qualquer língua, as modalidades de fala são chamadas de variedades linguísticas, assim identificadas no português:

- **Variantes geográficas:** modalidade de fala cujas características variam em função da localização geográfica de determinada comunidade, seus hábitos, costumes e aspectos culturais. São exemplos de variantes geográficas no Brasil o falar carioca, o gaúcho, o catarinense, o nordestino, o goiano, etc.
- **Variante social:** o caipira, marca de uso dos habitantes de regiões mais afastadas no país. É uma variedade típica do meio rural. No Brasil, é muito conhecida em virtude do personagem Chico Bento, do cartunista Maurício de Souza.
- **Norma culta:** variedade de uso dos falantes urbanos e ditos “cultos”, é a que conta com maior prestígio na sociedade. É a variedade em uso nos documentos oficiais, nos periódicos em circulação (jornais e revistas), empregada na literatura que se produz atualmente no país. Trata-se da modalidade que é ensinada nos bancos escolares.

* Atenção: a norma culta apresenta dois diferentes registros: o formal e o informal, conforme vimos na aula 3.

- **Gíria:** variedade que é característica de grupos afins, ou seja, com as mesmas preferências e semelhanças relativas à idade ou hábitos de comportamento. Os grandes propagadores de gírias no Brasil, hoje, são os adolescentes – e, nesse sentido, podemos dizer que também são eles, além dos jornalistas e escritores, que se ocupam da renovação da linguagem. Ainda que muita gente não concorde com isso, trata-se de algo inevitável, dado o caráter dinâmico que as línguas possuem.
- **Jargão:** trata-se de uma variedade que deve ser vista com muita atenção por nós, já que diz respeito aos ambientes corporativos. Isso porque o jargão é a manifestação lingüística de grupos organizados conforme atividades que exercem na sociedade. Ou seja, trata-se da modalidade de fala dos diversos ramos profissionais. Assim como o advogado, o publicitário e os jogadores de futebol, também o mundo empresarial emprega termos e expressões típicas de seu cotidiano. Por conta disso, esse é um tópico que merecerá maior atenção no próximo encontro.

Leitura e reflexão:

“O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é “e aí merrmão! CB, sangue bom!”. Até eu entender que merrmão era “meu irmão” levou um tempo. Pra conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: “vai rolá umasch paradasch ischperrtasch”.

Na cidade de São Paulo eles botam um “i” a mais a frente do ‘n’: “ôrra meu! To por deintro, mas não to inteindeindo o que eu to veindo”. E no interiorrrr falam um erre todo enrolado: “a Ferrrnanda marrrcou a porrrreira”. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em Mins, quer dizer em Minas, eles engolem letras e falam Belzonte, Nossenhora. Doidemais da conta, sô! Qualquer objeto é chamado de trem. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo”.

No Nordeste é tudo meu rei bichinho, ó xente. Pai é painho, mãe é mainha, vó é vóinha. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como Manezinhos da ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de crocodilinho de parede. Helicóptero e avião de rosca(que deve ser lido rôschca). Carne moída é boi ralado. Caso você queira um pastel de carne, precisará pedir um envelope do boi ralado. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como poste de prosa e a ficha de telefone é pastilha de prosa. Ovo eles chamam de semente de galinha e motel é lugar de instantinho. [...] Se você estiver por lá, viajando de carro, e precisar de alguma informação sobre a estrada pra voltar pra casa, deve perguntar pela “Briói” como é conhecida a BR 101.”

RAMIL, Kleidir. Tipo assim. Porto Alegre, RBS Publicações, 2003. P. 75-76 (fragmentos)



1. Ao brincar com as variedades regionais, em que características da fala ele se baseia para fazer as distinções?

2. Ao caracterizar a fala do Rio de Janeiro, o autor tenta gerar um efeito de humor. Você acha que a intenção é cumprida? Justifique sua resposta.

3. De acordo com o texto, a principal característica de falar mineiro é:

- a) A pronúncia forçada do fonema /R/
- b) A ditongação do e em “ei” antes de som nasal
- c) O acento “cantado” da primeira sílaba da palavra
- d) A pronúncia “chiada” do fonema /s/
- e) A eliminação de sílabas inteiras na pronúncia

4. A partir do segundo parágrafo do texto, o autor procura caracterizar os falares regionais no Brasil relativamente:

- a) à entonação das frases no interior.
- b) à influência dos imigrantes europeus.
- c) às pronúncias carioca e paulista.
- d) às diferenças no emprego do vocabulário.
- e) à importância do inglês norte-americano.

5. No 3º parágrafo, a expressão “Dá um nó na língua” significa que:

- a) a fala está revestida de formalidade excessiva.
- b) o emissor tem dificuldades para pronunciar as palavras.
- c) o falante desconhece o significado das palavras usadas.
- d) o emissor preocupa-se com a interpretação da mensagem.

» Anotações

EXPRESSÃO ORAL – O JARGÃO DO MUNDO CORPORATIVO

“É preciso implementar as estratégias a fim de otimizar a produção e alavancar os resultados.”

“Amanhã mesmo vou estar enviando a proposta para sua empresa...”

Você certamente já ouviu uma dessas frases. Se não ouviu ainda, prepare-se: é questão de tempo para isso acontecer.

Os jargões, expressões restritas de grupos com afinidades geralmente profissionais, precisam ser dominados por qualquer um que pretenda ser um bom profissional. Trata-se, mais uma vez, de usar a linguagem conforme a situação ou ambiente. Ou seja: é preciso “dançar conforme a música”.

A esse respeito, leia atentamente o texto a seguir – em que o colunista Max Gehringer responde a um leitor da revista *Época* – para responder às questões de que seguem.

Aprenda a falar difícil

“Em minha empresa, parece que o povo, do gerente para cima, fala outro idioma. Por que as pessoas ficam inventando expressões estranhas ou usando palavras estrangeiras, quando é muito mais fácil falar português?”

Lélio, São Caetano, SP

Para impressionar, Lélio. As pessoas que complicam o vocabulário fazem isso com dois propósitos bem claros. O primeiro é financeiro. “Falar abobrinha” pode ser sinônimo de “Verbalizar cucurbitáceas”, mas a segunda turma, via de regra, ganha mais. Você mesmo confirmou isso, ao dizer: “de gerente para cima”. O segundo motivo é se proteger. Através dos tempos, cada profissão foi desenvolvendo sua maneira particular de se expressar. Economista fala diferente de advogado, que fala diferente de engenheiro, que fala diferente de psicólogo, e todos eles falam diferente de nós.

Quanto mais complicado uma pessoa fala, mais fácil ela poderá depois explicar: “Não foi bem isso que eu disse”. Na prática, a coisa funciona assim. Se você tiver uma pergunta – qualquer pergunta – e consultar alguém de Marketing, ouvirá como resposta que é preciso “fazer um brainstorming e extrapolar os dados”. Alguém de Recursos Humanos dirá que, “enquanto seres funcionais, temos de vivenciar parâmetros holísticos”. Um engenheiro opinaria que a coisa se deve a fatores inerciais de natureza não-técnica”. E uma pessoa de Sistemas diria que a empresa está “num processo de reformulação de conteúdo”. E assim por diante.

Essa foi uma grande lição que aprendi na vida corporativa. Quando tinha alguma dúvida, perguntava a um Diretor. E aprendia uma palavra nova. Aí, ia me informar com o Seu Anísio da Portaria. Porque ele era o único capaz de me explicar direitinho a situação. “É, vem chumbo grosso por aí”. Portanto, Lélío, e para bem de sua carreira, sugiro que você comece a aprender esses “idiomas estranhos”. Falando de maneira simples, e sendo entendido por todos, você chegará, no máximo, a Supervisor. Adotando uma verbalização direcional intrínseca, poderá chegar a Diretor.

GEHRINGER, Max. “Sua carreira”. Época, São Paulo: Editora Globo, n. 411, 3 abr. 2006, p. 67.



1. **Na pergunta do leitor, há uma concepção de língua portuguesa que:**
 - a) incorpora o uso de palavras estrangeiras como algo necessário à comunicação.
 - b) defende o uso da língua padrão nas atividades profissionais, por sugerir mais status.
 - c) expressa um preconceito com o falar coloquial, por relacioná-lo às classes populares.
 - d) rejeita as variações de caráter técnico-profissional, por considerá-las desnecessárias.
 - e) considera as mudanças de estilo uma consequência inevitável das diferentes personalidades.

2. **O conselho para que Lélío “adote uma verbalização direcional intrínseca” pode ser simplificado para:**
 - a) “Assuma uma linguagem objetiva”.
 - b) “Prefira uma retórica rebuscada”.
 - c) “Utilize uma fala despojada”.
 - d) “Escolha uma comunicação atraente”.
 - e) “Use um jargão adequado”.

3. **Na elaboração da resposta, o consultor Max Gehringer sugere que:**
 - a) o profissional deve manter em situações discursivas informais a mesma linguagem própria da área na qual atua.
 - b) uma mesma informação pode ser veiculada por enunciados diferentes, dependendo do papel social exercido pelo locutor.
 - c) diferentes enunciados têm um mesmo significado e sua expressão independe das características da profissão.
 - d) os funcionários de uma empresa devem “falar difícil” em todas as situações que envolvam comunicação com clientes.
 - e) um mesmo enunciado pode desencadear diferentes reações no interlocutor quando proferido em espaço de trabalho.

4. Resumindo os motivos apresentados no texto para explicar a complicação do vocabulário, “falar difícil” funciona como:

- a) meio para aumentar lucros e artimanha para impedir as idéias dos concorrentes.
- b) maneira de separar funcionários e patrões e tática de garantia da produtividade.
- c) marca de poder aquisitivo e mecanismo de autopreservação profissional.
- d) garantia de competência técnica e recurso para valorizar os ouvintes.
- e) indicador da competição entre funcionários e instrumento de aproximação dos clientes.

Leitura adicional: A polêmica do gerundismo

Matéria completa em Fonte: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10887>
(Acesso em 19/05/2010)

QUANDO PRECISAMOS DO GERÚNDIO

O uso indiscriminado do gerundismo criou em muita gente uma aversão ao uso de qualquer tipo de gerúndio. É preciso por os pingos nos is, portanto.



Gerúndio que é gerúndio é um parente próximo do infinitivo e do particípio. Juntos integram a família das formas nominais do verbo, pois, se for o caso, funcionam como nomes. Ao mesmo tempo verbo, advérbio e adjetivo (como em “vejo o carro acelerando”), o gerúndio flagra o processo verbal em andamento. “Fazendo, ou “viajando” descrevem uma ação contínua, mas que ainda não acabou ou evolui sem hora para ser concluída. “Estou desistindo” diz que está em curso um processo de desistência. Anuncia um evento que durará algum tempo para ser feito.

Forma que também é adjetiva, o particípio apresenta uma ação concluída: feito, viajado, desistido. Já o emprego do infinitivo (no caso, fazer, viajar, desistir) é pontual; traz o processo verbal em potência, exprimindo a idéia da ação ou do evento. Formas assim são usadas quando queremos ser incisivos, assertivos, convictos do que dizemos. A ação é imediata, quase instantânea. Ela está ali, na marca do pênal, pronta para ser realizada. é só fazer e abraçar a galera.

É muito diferente dizer “caiu do cavalo e esfaqueou o oponente” e enunciar “caindo do cavalo e espetando o oponente”. A segunda oração dá uma idéia de movimento que a outra não tem.

Um primeiro curto-circuito ocorre quando todos os tempos verbais são desprezados para dar lugar ao gerúndio (como em “Lula assinou a medida provisória liberando o aumento” ou “os políticos trabalhando mesmo são poucos”). Um outro, ainda mais grave, é o da locução formada por três verbos (perífrases como “vou estar transmitindo o recado”), em que um dos dois auxiliares (“estar”) é dispensável.

- O que incomoda no que se tem chamado de gerundismo é, sobretudo, o fato de ser uma construção artificial. Essa não é uma construção que aprendamos naturalmente na infância. Uma criança não diz: “vou estar brincando no quintal” - diz a professora e consultora Thaís Nicoleti de Camargo. A construção será efetivamente útil quando:

1) Mostrar um futuro em relação a outro futuro: “Amanhã não posso viajar porque vou estar carimbando documentos” significa que vou passar o dia a carimbar.

2) O verbo implicar duração ou admitir repetição: “Vou estar fechando o balanço da empresa” está no vernáculo, mas “vou estar enviando seu documento” é estranho. É um documento só e a ação é relativamente rápida ou instantânea.

- Não dá para condenar o uso da locução sem ver o seu contexto. Faz sentido dizer “vou estar providenciando” se de fato vou ficar algum tempo fazendo isso - diz a professora Maria Helena de Moura Neves, do Mackenzie e da Unesp. Vale a regrinha do bom senso, portanto.

Para descontrair: O gerundismo na real

Escala de compromissos

Quando a pessoa diz  **O que ela quer dizer**

Hei de resolver o seu problema  Virou uma questão de honra para mim
(COMPROMISSO MÁXIMO)

Resolverei seu problema  Solução será dada, mas no futuro
(COMPROMISSO FORTE, MAS NÃO TANTO)

Vou resolver seu problema  Se tudo der certo, eu resolvo
(GARANTIA RELATIVA)

Vou estar resolvendo  Pode desistir
(COMPROMISSO MÍNIMO)

Fonte: Sírio Possenti/UNICAMP

» Anotações

EXPRESSÃO ORAL – ARGUMENTAÇÃO E PERSUAÇÃO

“Sê senhor dos argumentos, as palavras virão...”

Catão, Roma Antiga, -234

A partir do momento em que fazemos parte de uma sociedade, ainda que nem percebamos, exercitamos constantemente a argumentação e a persuasão. Em nosso dia-a-dia, são frequentes as situações em que precisamos convencer alguém de um ponto de vista, de uma ideia, de um comportamento.

Argumentar, do latim *argumentari*, significa expor com o objetivo de convencer, mostrar um ponto de vista, chamar à discussão. É praticamente impossível desvincular a atividade humana dessa competência, pois a todo o momento somos levados a comportamentos e atitudes em decorrência de argumentos que nos convenceram. Ou, então, seja no âmbito pessoal ou profissional, frequentemente nos vemos tentando persuadir alguém, seja para um programa de fim de semana, seja “pechinchando um preço” ou negociando uma data ou condições de um contrato. Desenvolver, portanto, a competência de argumentação, é um exercício fundamental para as relações humanas.

Argumentar, todavia, não é algo fácil. Primeiro, é necessário ter certeza do que se pretende, certificar-se dos objetivos e dos resultados que se espera. A fim de treinar o olhar para essa habilidade, vamos analisar um texto essencialmente argumentativo: o texto publicitário. Observe o anúncio, publicado por ocasião do lançamento do produto “Coca-Cola Zero”, e tente identificar:

- Qual o(s) provável(is) interlocutor deste texto?
- Qual o **argumento** usado a fim de convencer os consumidores a comprarem o refrigerante em questão?



O leitor de código de barras não apita. Assovia pra você.

Nova Coca-Cola Zero. À venda no BIG.

*Big: Rede de supermercados do sul do País.

Análise do texto:

Por se tratar de um produto voltado para um público preocupado com a “boa-forma” o anunciante valeu-se do argumento da vaidade para convencer o consumidor. Característico dos textos publicitários, o interlocutor desse texto é levado a um determinado comportamento (no caso, comprar a Coca-cola Zero), ainda que isso não seja condição única e suficiente para fazê-lo, efetivamente, “ficar em forma”.



Leitura e reflexão:

Trabalhador não é máquina

A vida de um desempregado é horrível, porque na nossa sociedade tudo depende do trabalho: salário, contatos profissionais, prestígio e (quando se é católico) até o resgate do pecado original e o bilhete de ingresso para o paraíso. Portanto, se falta o trabalho, falta tudo.

Mas corre-se o risco de que o problema do desemprego coloque em segundo plano o problema de quem tem um emprego. Com uma frequência sempre maior, a vida do trabalhador é transformada num inferno, porque as organizações das empresas se preocupam em multiplicar a quantidade de produtos, mas não dão a mínima para a felicidade de quem os produz.

DE MASI, Domênico. O ócio criativo. Rio de Janeiro, Sextante, 2000. P. 17

1. O texto que você acabou de ler é argumentativo. Qual o ponto de vista defendido por seu autor?

2. Nos trechos abaixo, que tipo de relação são estabelecidas pelas conjunções em destaque?

“A vida de um desempregado é horrível, porque na nossa sociedade tudo depende do trabalho...”

“Portanto, se falta o trabalho, falta tudo.”

Além dos aspectos linguísticos, a boa expressão oral depende ainda de outros aspectos, que devem estar perfeitamente ajustados para garantir a máxima eficiência comunicacional. Os principais deles são:

Dicção

Trata-se da clareza na pronúncia das palavras. Consiste na “maneira de dizer ou falar com a articulação e modulação corretas”.

Velocidade

De preferência deve ser moderada, de forma a permitir a perfeita assimilação pelo interlocutor do que estiver ouvindo. Caso você tenha consciência de que fala muito rápido, procure checar a informação com seu ouvinte, certificando-se de que foi compreendido.

Volume

O volume também deve ser coerente com o contexto de produção da fala. Em caso de exposições orais mais longas, como apresentações/explicações, procure variá-lo de forma a manter os ouvintes atentos. Especialmente neste item o bom senso deve prevalecer: uma pessoa que fala muito alto pode ser considerada inconveniente. Por outro lado, um tom de voz pouco audível pode passar a impressão de segurança ou timidez.

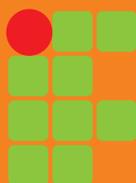
Vocabulário

Novamente entram em cena a adequação e a pertinência: seu vocabulário não deverá ser vulgar, nem rebuscado. Lembre-se: cada situação requer uma linguagem apropriada, e a escolha das palavras é fundamental nesse processo.

Exercitando

Mais que uma brincadeira de criança, os famosos trava-línguas são, na verdade, um ótimo exercício para ajudar a melhorar a fala. Em um primeiro momento, mais que a velocidade, é importante que você pronuncie bem as palavras. Depois, quando já estiver familiarizado com elas, imprima à leitura diferentes ritmos e volumes. Alguns para você treinar:

1. *No quarto do Crato eu cato quatro cravos cravados no crânio da caveira do coveiro.*
2. *A hidra, a dríade e o dragão ladrões do dromedário do druida foram apedrejados.*
3. *O dromedário destruiu as drogas da drogaria Andrômeda, porque foi drogado com a droga quadrada.*



4. *Gaia o guingó ganguê – guia o ganga gangão – gaia o ganguê guingó! – guinga e guinga e guião.*
5. *Num ninho de Mafagafos, há cinco mafagafinhos. Quem desmafagafizar os cinco mafagafinhos, bom desmafagafizador será.*
6. *Trovas e trovões trovejam trocando quadros entre os trovadores esquadrinhados nos quatro cantos da trovoada.*
7. *Disseram que na minha rua tem paralelepípedo feito de paralelogramos. Seis paralelogramos têm um paralelepípedo. Mil paralelepípedos têm uma paralelepipedovia. Uma paralelepipedovia tem mil paralelogramos. Então uma paralelepipedovia é uma paralelogramolândia?*
8. *O prestedigitador prestativo e prestatário está prestes a prestar a prestedigitação prodigiosa e prestigiosa.*
9. *Perlustrando patética petição produzida pela postulante, prevemos possibilidade para pervencê-la porquanto perecem pressupostos primários permissíveis para propugnar pelo presente pleito, pois prejudgamos pugna pretárita perfeitíssima.*
10. *Sabendo o que sei e sabendo o que sabes e o que não sabes e o que não sabemos, ambos saberemos se somos sábios, sabidos ou simplesmente saberemos se somos sabedores.*



Saiba Mais!

* Um outro exercício muito comum para aprimorar a fala é a leitura de textos em voz alta. Os poemas, por exemplo, são uma ótima sugestão para esse treino.

*Caso sinta necessidade, na internet, por meio dos sites de pesquisa, você encontra diversos exercícios para a melhora da fala e da dicção, tanto em textos teóricos como em vídeos disponibilizados por internautas.

Resumindo:

1. **Seja você mesmo. Nenhuma técnica é mais importante que a sua naturalidade.**
2. **Procure pronunciar bem as palavras.**
3. **Fale com boa intensidade - nem alto nem baixo demais - sempre de acordo com o ambiente.**
4. **Fale com boa velocidade - nem rápido nem lento demais.**
5. **Fale com bom ritmo, alternando a altura e a velocidade da fala para manter o interesse dos interlocutores.**
6. **Tenha um vocabulário adequado ao público e à situação.**
7. **Procure empregar ênfase e motivação à fala, demonstre interesse e envolvimento com o assunto.**

RUÍDOS NA COMUNICAÇÃO – OS VÍCIOS DE LINGUAGEM

São definidos como “vícios de linguagem” expressões que estão em desacordo com a norma culta, mas que são utilizadas com frequência pelos falantes, seja por descuido ou desconhecimento da norma.

Os principais vícios que podem prejudicar a comunicação são:

Pleonasmo

Trata-se da repetição desnecessária de termos, uma vez que a idéia já foi transmitida pelo emprego do termo inicial. Exemplos mais comuns: subir para cima, descer para baixo, certeza absoluta, todos foram unânimes, etc.

Eco

Essa ocorrência é muito útil na poesia. Lá, ela recebe o nome de rima, já que trata-se de terminações iguais. Mas, na expressão cotidiana, o eco torna o texto confuso, sem objetividade. Pode, inclusive, provocar o riso ou desqualificar um enunciador.

Exemplo: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.”; “Eu não sei onde deixei o papel, e também não perguntei pro Joel.”

Cacofonia ou cacófato

Caco = feio; fonia = som. A cacofonia é resultado da união de sílabas que geram um som inconveniente ou desagradável. Exemplos: “O dentista não conseguiu mexer na boca dela.”;

“O juiz dividiu o valor em um milhão por cada”

Barbarismo

É o desvio da norma relativo à:

- grafia: proesa em vez de proeza;
- pronúncia: incrustar em vez de incrustar; mendingo em vez de mendigo;
- morfologia: cidadãos em vez de cidadãos;
- semântica: Ele complimentou o tio (em vez de cumprimentou).

Solecismo

Consiste em inadequação que pode ser em relação à:

- concordância: “Sobrou muitas vagas” (em vez de sobraram);
- regência: “Hoje assistiremos o filme.” (em vez de ao filme); ou
- colocação: “Me empresta o carro?” (em vez de empresta-me)



Para praticar, leia as frases abaixo:

- I. "Sim, meu filho, neste momento tens meu consentimento para o casamento."
- II. "Nosso hino é o mais belo do mundo."
- III. "Há três meses atrás eu já previa o resultado."

Ocorre vício de linguagem nas frases:

- a) I, II, III
- b) I e II apenas
- c) I e III apenas
- d) II e III apenas

Resposta comentada:

Em I, ocorre cacófato (momento tens – tu tens) e eco (consentimento – casamento).

Em II, ocorre cacófato (nosso hino – nó suíno).

Em III, ocorre redundância ou pleonasmismo vicioso (Há três meses atrás: o uso de uma das palavras apenas já seria suficiente).

Portanto, ocorre vício de linguagem em todas as frases. A alternativa correta é a letra A.

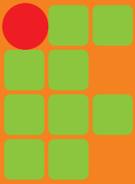
Exercícios:

1. Sobre os vícios de linguagem, relacione a segunda coluna com a primeira.

- | | | | |
|----|--------------|-----|---|
| a. | barbarismo | () | É admirável a fé de meu tio. |
| b. | solecismo | () | Não teve dó: decapitou a cabeça do condenado. |
| c. | cacófato | () | Faziam anos que não morriam pessoas. |
| d. | pleonasmismo | () | Fui até ao mercado para buscar mortandela. |

A sequência correta é:

- a) D – C – A – B
- b) B – D – A – C
- c) C – D – B – A
- d) A – B – C – D
- e) A – C – B – D



A EXPRESSÃO ESCRITA

Ao contrário da fala, espontânea e não planejada, a escrita exige do enunciador elaboração, planejamento e domínio dos mecanismos de construção da escrita. Para atingir esse objetivo, além da adequação à norma culta, é preciso entender que um texto é constituído por dois grandes planos: o da construção e o das ideias. Um texto, portanto, é a soma entre coesão e coerência, respectivamente.



Texto =
Coesão > plano da construção
+
Coerência > plano das ideias

Coesão textual

Observe a manchete abaixo, publicada em um jornal de grande circulação:

“Aposentados mandam carta a senadores protestando contra o aumento de seus rendimentos.”

Da forma como foi redigida a manchete, o leitor poderia entendê-la de duas maneiras: os aposentados, descontentes com o pequeno aumento em suas aposentadorias, resolveram reclamar com os senadores. Ou, indignados com o aumento de salário que os senadores tiveram, o grupo resolveu protestar, redigindo uma carta para aqueles políticos.

Essa dupla interpretação decorre do uso equivocado do pronome **seus**, que da maneira como foi empregado, tanto pode referir-se aos aposentados como aos senadores. No caso dessa construção em específico, dizemos que houve um problema de ambiguidade, ou seja, há duas interpretações possíveis para um mesmo enunciado.

Um texto é uma unidade de sentido. Por isso, os elementos que o estruturam (palavras, orações, parágrafos) devem estar em perfeita sintonia. Se esta “costura” for perfeita, de modo a garantir a clareza do enunciado, então dizemos que ocorreu coesão. Também é esse recurso que evita, nos textos, a constante repetição de termos, já que eles são “retomados” por outros.

Os principais elementos de coesão são:

- Pronomes
- Conjunções
- Sinônimos/epítetos
- Marcações de tempos verbais
- Elipse (sujeito subentendido)
- Sinais de pontuação.
- “Expressões” de retomada de um termo anteriormente mencionado.

Observe:

1. **“Amo você. Não gosto de seus defeitos. Eu também tenho defeitos”.**
2. **Amo você, mas não gosto de seus defeitos, embora eu também os tenha.”**

Os dois enunciados estão corretos do ponto de vista gramatical. Porém, na oração 2, há articulação entre aquilo que, em 1, estava apenas “listado”. Ou seja, houve uma “costura” entre as afirmações, o que torna o enunciado 2 “coeso”, porque as relações estão mais claras, expostas de forma mais precisa. Os mecanismos de coesão, nesse caso, foram os seguintes:

- a conjunção **mas** (adversativa), estabelece uma “restrição” ao amor afirmado anteriormente;
- já a conjunção **embora** (concessiva), mostra que esses amantes, no fundo, são “iguais”;
- o pronome **os** (pessoal) retoma “eles”, os defeitos, para evitar a repetição do termo.



1. Leia o texto a seguir e assinale as alternativas em que a relação de coesão está corretamente estabelecida.

A cidade das calçadas jurássicas

O padre italiano Giuseppe Leonardi, um dos maiores paleontólogos do mundo, estava viajando pelo interior paulista em 1976 quando uma súbita dor de dente o obrigou a fazer uma parada em Araraquara. Ao pisar nas lajes cor-de-rosa usadas como calçamento na cidade, reparou em algo estranho. Ficou tão entusiasmado que até se esqueceu de ir ao dentista. A análise das marcas confirmou o seu palpite. Ali estavam impressas pegadas de répteis que habitaram a região de Araraquara 180 milhões de anos atrás. As lajes tinham sido arrancadas das rochas de uma pedreira, nos arredores da cidade. Lá ficaram gravados os únicos registros de dinossauros brasileiros do período jurássico. Leonardi explicou ao prefeito que precisava arrancar os trechos de calçadas com pegadas de dinos. O prefeito riu da cara dele e negou o pedido. Mas o padre-cientista não se abalou. Esperou o Carnaval, quando a cidade inteira estava muito ocupada em se divertir, para meter a picareta no calçamento e levar o tesouro para o Departamento Nacional de Produção Mineral, no Rio de Janeiro, que o guarda até hoje.

(SUPERINTERESSANTE – Ed. 259.)

- a. Ali estavam impressas pegadas de répteis...
> **ali** = *lajes cor-de-rosa usadas como calçamento na cidade.*
- b. Lá ficaram gravados os únicos registros de dinossauros brasileiros...
> **lá** = *rochas de uma pedreira, nos arredores da cidade.*
- c. ...levar o tesouro para o Departamento Nacional de Produção Mineral, no Rio de Janeiro, que o guarda até hoje.
> **que** = *Rio de Janeiro.*
- d. O prefeito riu da cara dele e negou o pedido.
> **dele** = *o padre Giuseppe Leonardi.*
- e. ... quando uma súbita dor de dente o obrigou a fazer uma parada em Araraquara.
> **o** = *o interior paulista.*

- f. ... levar o tesouro para o Departamento Nacional de Produção Mineral, no Rio de Janeiro, que o guarda até hoje.
> **o tesouro** = *os répteis que habitavam a região*.
- g. Ao pisar nas lajes cor-de-rosa usadas como calçamento na cidade, reparou em algo estranho.
> **algo estranho** = *pegadas de répteis*.

2. Reescreva as frases abaixo, substituindo os termos repetidos por um pronome:

- a. Os ecologistas se preocupam demais com o meio-ambiente, mas agora os ecologistas têm mais uma preocupação...

- b. Saí de minha cidade aos 10 anos de idade, mas nunca deixei de amar minha cidade.

- c. Escreva com caneta, mas não use a caneta para rabiscar a carteira.

3. Leia o texto abaixo, aponte a ambiguidade e reescreva a construção de forma a eliminar o problema:

“Orientação para uso deste medicamento manipulado: antes de ingerir este medicamento, verifique se consta no rótulo seu nome, o nome do médico, a data de manipulação e o prazo de validade.”

4. Aponte a ambiguidade em cada frase e proponha formas de evitá-la.

- a. Ao chegar à casa do primo, Fernando encontrou-se com sua namorada.

- b. Você deve esperar seu irmão levá-lo em seu carro para o hospital.

A EXPRESSÃO ESCRITA – A COERÊNCIA TEXTUAL

Já vimos que a coerência, em um texto, é o aspecto responsável pela harmonia e lógica entre as ideias. Agora, vamos entender melhor esse conceito. Observe estes dois enunciados:

1. Ontem eu fui ao cinema, mas a garrafa caiu no chão. Apesar disso, lá o motorista pegou o ônibus e pedalou tranquilo na bicicleta.
2. Ontem eu fui ao cinema, mas não gostei do filme, embora a pipoca estivesse bem saborosa.

Note que o enunciado “1”, embora não tenha inadequações gramaticais, não produz sentido, pois não há lógica entre as informações. Já no enunciado “2”, nota-se a coerência entre os fatos, o que nos permite concluir que **a coerência é característica apenas do segundo enunciado.**

Ampliando o conceito

Leia a tirinha abaixo, do cartunista Angeli.



O humor da tira recai em uma incoerência. Qual?

Que crítica está implícita no texto, em relação aos personagens representados?



1. Os pares de frases listados a seguir mantêm uma relação de sentido subentendida entre eles. Sua tarefa é empregar conjunções que explicitem essas relações. Para isso, faça as modificações que julgar necessárias.

Exemplo:

a. Tenho prova hoje. Não estudei nada.

Tenho prova hoje, mas não estudei nada.

b. Peguei um táxi até o aeroporto. Não consegui pegar o avião a tempo.

c. Não consegui tomar o avião a tempo. Peguei um táxi até o aeroporto.

d. Nada o impedia de sair. Preferiu ficar.

2. Nos textos abaixo, aponte as incoerências, reescrevendo as estruturas a fim de conferir-lhes sentido:

I. Havia um menino muito magro que vendia amendoins numa esquina de uma das avenidas de São Paulo. Ele era tão fraquinho que mal podia carregar a cesta em que estavam os pacotinhos de amendoim. Um dia, na esquina em que ficava, um motorista, que vinha em alta velocidade, perdeu a direção. O carro capotou e ficou de rodas para o ar. O menino não pensou duas vezes. Correu para o carro e tirou de lá o motorista, que era um homem corpulento. Carregou-o até a calçada, parou um carro e levou o homem para o hospital.

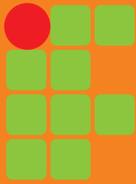
- II. No cinema, no teatro, não converse. Não mexa demais a cabeça, não fique aos beijos. Cuidado com o barulho do papel de bala, do saco de pipocas. Não os jogue no chão quando acabar de comer. Se o seu vizinho estiver fazendo tudo isso e incomodando, seja discreto. Peça que interrompam a sessão e acendam as luzes a fim de inibir o transgressor.

- III. Devo confessar que morria de inveja de minha coleguinha por causa daquela boneca que ganhara no Natal: ria, chorava, tomava mamadeira e fazia pipi. Ela me alucinava. Sonhei com elas noites a fio. Queria dormir com ela uma noite que fosse. Um dia minha amiguinha esqueceu-a em minha casa. Fui dormir e, no dia seguinte, quando acordei, lá estava a boneca, no mesmo lugar em que ela a havia deixado. Imaginando que ela estivesse preocupada, saí correndo para devolver-lhe o brinquedo.

3. Assinale a opção em que a estrutura sugerida para preenchimento da lacuna correspondente provoca defeito de coesão e incoerência nos sentidos do texto.

A violência no País há muito ultrapassou todos os limites. ___1___ dados recentes mostram o Brasil como um dos países mais violentos do mundo, levando-se em conta o risco de morte por homicídio.

Em 1980, tínhamos uma média de, aproximadamente, doze homicídios por cem mil habitantes. ___2___, nas duas décadas seguintes, o grau de violência intencional aumentou, chegando a mais do que o dobro do índice verificado em 1980 – 121,6% –, ___3___, ao final dos anos 90 foi superado o patamar de 25 homicídios por cem mil habitantes. ___4___, o PIB por pessoa em idade de trabalho decresceu 26,4%, isto é, em média, a cada queda de 1% do PIB a violência crescia mais do que 5% entre os anos 1980 e 1990.



Estudos do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostram que os custos da violência consumiram, apenas no setor saúde, 1,9% do PIB entre 1996 e 1997. ___5___ a vitimização letal se distribui de forma desigual: são, sobretudo, os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a própria vida o preço da escalada da violência no Brasil.

- a) 1 – Tanto é assim que
- b) 2 – Lamentavelmente
- c) 3 – ou seja
- d) 4 – Simultaneamente
- e) 5 – Se bem que

4. Assinale a seqüência que ordena os períodos a seguir de forma que constituam um texto coerente e coeso:

A. Em suas funções, Hanssen armazenava alguns dados em computadores de mão tipo Palm e, às vezes, fazia contatos por meio de redes de computador, mas a maior parte das informações era transmitida com uma das técnicas mais antigas que se conhece: pacotes deixados em parques ou embaixo de pontes.

B. Uma amostra de como funciona hoje esse sistema de informações veio a público no início de 2001, quando Robert Hanssen, um alto funcionário do FBI, foi pego e acusado de trabalhar para os russos em troca de dinheiro.

C. Durante grande parte dos seus 27 anos de serviço na agência, o espião teria entregado vários dados sigilosos, entre eles a identidade de três agentes duplos a serviço dos americanos.

D. As tecnologias de espionagem mais avançadas de hoje provavelmente estão escondidas - por sua própria natureza, elas só se tornam conhecidas quando falham ou se tornam obsoletas.

E. Chamados de volta à Rússia, dois deles foram executados e o terceiro, preso.

- a) C – E – D – A – B
- b) D – B – A – E – C
- c) B – A – C – D – E
- d) D – B – C – E – A
- e) B – E – A – D – C

» Anotações

EXPRESSÃO ESCRITA: TREINANDO A HABILIDADE DE LER E ENTENDER TEXTOS

Leia o texto a seguir, de autoria de Marilena Chauí, e responda às perguntas que seguem:

Antes de me referir à questão do virtual, gostaria de enfatizar a figura do especialista competente, isto é, daquele que é supostamente portador de um saber que os demais não possuem e que lhe dá o direito e o poder de mandar, comandar, impor suas idéias e valores e dirigir as consciências e ações dos demais. Como vivemos na chamada “sociedade do conhecimento”, isto é, uma sociedade na qual a ciência e a técnica se tornaram forças produtivas do capital e na qual a posse de conhecimentos ou de informações determina a quantidade e extensão de poder, o especialista tem um poder de intimidação social porque aparece como aquele que possui o conhecimento verdadeiro, enquanto os demais são ignorantes e incompetentes. Do ponto de vista da democracia, essa situação exige o trabalho incessante dos movimentos sociais e populares para afirmar sua competência social e política, reivindicar e defender direitos que assegurem sua validade como cidadãos e como seres humanos, que não podem ser invalidados pela ideologia da competência tecno-científica. E é essa suposta competência que aparece com toda força na produção do virtual. Em “Simulacro e poder” eu me refiro ao virtual produzido pelos novos meios tecnológicos de informação e comunicação, que substituem o espaço e o tempo reais – isto é, da percepção, da vivência individual e coletiva, da geografia e da história – por um espaço e um tempo reduzidos a uma única dimensão; o espaço virtual só possui a dimensão do “aqui” (não há o distante e o próximo, o invisível, a diferença) e o tempo virtual só possui a dimensão do “agora” (não há o antes e o depois, o passado e o futuro, o escoamento e o fluxo temporais). Ora, as experiências de espaço e tempo são determinantes de noções como identidade e alteridade, subjetividade e objetividade, causalidade, necessidade, liberdade, finalidade, acaso, contingência, desejo, virtude, vício, etc. Isso significa que as categorias de que dispomos para pensar o mundo deixam de ser operantes quando passamos para o plano do virtual e este substitui a realidade por algo outro, ou uma “realidade” outra, produzida exclusivamente por meios tecnológicos. Como se trata da produção de uma “realidade”, trata-se de um ato de criação, que outrora as religiões atribuíam ao divino e a filosofia atribuíam à natureza. Os meios de informação e comunicação julgam ter tomado o lugar dos deuses e da natureza e por isso são onipotentes – ou melhor, acreditam-se onipotentes.

(CHAUÍ. Marilena. A invenção da crise. Disponível em: <http://www.casadosaber.com.br>)

1. Segundo a autora, o chamado “especialista competente” apresenta a(s) seguinte(s) característica(s):

- a) detém efetivamente um conjunto de conhecimentos e informações superior ao dos não especialistas;
- b) assume uma posição de comando, impondo aos outros não só o que pensar, mas também o que fazer;
- c) é capaz de apreender o verdadeiro saber, que se mostra inacessível ao cidadão comum;
- d) tem o seu papel enfatizado pela ideologia da competência tecno-científica que perpassa a sociedade atual;

2. Numa democracia, de acordo com Chauí, caberia aos movimentos sociais e populares:

- a) combater, sem cessar, as idéias defendidas pelo “especialista competente”;
- b) trabalhar para mostrar seus valores como os mais adequados ao mundo atual;
- c) não se deixarem anular pelo ideal de uma sociedade movida a ciência e tecnologia;
- d) agir, com veemência, para reverter a imagem de ignorância que lhes é atribuída.

A partir do texto, conclui-se que os novos meios tecnológicos de informação e comunicação, ao produzirem o virtual,

- a) apóiam-se na sabedoria incontestável dos especialistas da atualidade;
- b) detêm, hoje, o lugar que Deus e a natureza ocupavam nas sociedades primitivas;
- c) interferem negativamente nas categorias de que dispomos para pensar o mundo;
- d) focalizam o “aqui” e o “agora”, aproximando as pessoas dos fatos do momento.

Para as questões 04 a 06, leia, abaixo, um trecho do artigo “Raízes da violência”, de autoria do antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares, que foi publicado no site www.bravonline.com.br (08/2006):

No imaginário coletivo, a imagem do brasileiro cordial remete a figuras idealizadas: paz e solidariedade. Nada mais distante de nossa realidade histórica. E nada mais avesso à visão de Sérgio Buarque de Holanda, pensador que resistiu, como poucos, à nossa prodigiosa auto-indulgência, mantendo acesa a verve crítica. Em sua obra *Raízes do Brasil*, que está completando 70 anos de publicação, o brasileiro seria cordial em um sentido muito diferente e específico, muito mais complexo e instigante. Seria cordial porque refratário à formalidade, aos ritos da sociabilidade, aos limites, à disciplina das regras e dos princípios abstratos. Sua natureza induziria à expansão de sentimentos, estendendo as lealdades privadas à esfera pública. Essa hipótese interpretativa ainda seria aplicável ao Brasil contemporâneo? De que modo esse debate poderia nos ajudar a compreender a violência brasileira de hoje?

Vamos acompanhar a rotina de uma criança brasileira. Na escola, a professora ensina que o Brasil é um país bacana, que valoriza a cidadania. O estudante sai da aula confuso. Algumas coisas parecem fora de lugar. [...] Sua mãe é empregada doméstica. Não tem carteira assinada, atribuições bem delimitadas nem hora certa para sair. [...]

– Ela não é uma simples empregada; é praticamente parte da família.

– É verdade, dona Arminda é uma boa patroa. Eu nem reclamo do salário, porque sei que quando fico apertada ela me dá uma ajuda. [...] Férias, dona Arminda não gosta muito de férias, não. É que ela não pode ficar sem apoio em casa, sabe? Eu até entendo. Pra ela seria muito complicado se eu pedisse férias... – Só tem uma coisa que não admito de jeito nenhum: ingratidão. Sou boa patroa, mas não quero empregada minha metida em sindicato e falando de lei pra cá e pra lá.

Como é que se faz para negociar regime de trabalho quando a profissão está embutida no vínculo de parentesco e os interesses são interpretados com a linguagem moral dos afetos pessoais? A gratidão derrete a mecânica do cálculo. [...]

Sai o salário, entra a ajuda; sai a negociação, entra o pedido; sai a conquista, entra a dádiva; sai o fortalecimento da categoria, entra a dívida pessoal; sai o contrato, fica a palavra; sai a definição precisa de direitos e deveres, entram gratidão, ressentimento, traição e culpa.

Nosso problema, hoje, não reside propriamente na cordialidade; a raiz de nossa violência patológica reside na dualidade, na ambivalência, na dupla-mensagem entre dois códigos contraditórios e, paradoxalmente, complementares. Ou melhor: no uso perverso dessa dualidade...

4. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s), de acordo com o texto.

- a) A hipótese interpretativa lançada no 1º parágrafo para justificar a cordialidade do brasileiro vai ao encontro da acepção desse termo no senso comum.
- b) Para o autor do texto, o problema da violência hoje ancora-se na duplicidade de códigos de conduta vivenciada pela sociedade brasileira.
- c) Na opinião de Luiz Eduardo Soares, a relação patroa-empregada deveria ser extinta, uma vez que não contempla os princípios de cidadania.
- d) O estudante brasileiro, usado como exemplo, sente-se confuso diante da contradição entre o que aprende na escola e o que vivencia, de fato, no dia-a-dia.
- e) O artigo mostra que os pretensos laços afetivos existentes entre empregador(a) e empregado(a) escamoteiam o vínculo profissional.

5. Assinale a(s) alternativa(s) que completa(m) corretamente a frase: O diálogo entre patroa e empregada

- a) cria um efeito de sentido de verdade, ao ser reproduzido em discurso direto, o que contribui para enfatizar o ponto de vista defendido pelo autor do artigo;
- b) marca claramente as diferenças sociais pela linguagem, respectivamente, formal e informal, utilizada;
- c) simula a oralidade através de algumas “pistas” como a contração, a repetição e a presença de marcador conversacional;
- d) mostra que, para dona Arminda, a boa empregada deve contentar-se com o que lhe é oferecido, sem maiores questionamentos ou reivindicações;
- e) omite proposadamente o nome da empregada para enfatizar sua relação de inferioridade e subserviência em relação à patroa.

O esquema é a organização, em tópicos, de forma sintética, das principais informações em um texto, seja na leitura ou na produção. Também a técnica de “esquematizar” é muito útil em anotações de textos orais, como reuniões, palestras, aulas e demais situações em que há a necessidade de compreensão rápida de informações. Por exemplo, quando um superior passa orientações a um colaborador. A objetividade é a principal característica do esquema. Outras dicas que podem ajudar:

- Faça anotações em tópicos, itens e sub-itens; tente hierarquizar as ideias/informações.
- Redija frases curtas.
- Use elementos paratextuais, como setas, asteriscos, linhas, organogramas...
- Destaque as palavras-chave.
- Faça uma disposição clara do “esqueleto”, algo que torne a visualização fácil e agradável.
- Quando a situação permitir, utilize canetas em cores diferentes e marca-textos, por exemplo.

Um esquema, bem produzido, deve permitir a seu produtor retomar o percurso do texto ou da situação que foi “esquematizada”. Quase sempre ele será o ponto de partida para a produção de outros textos e procedimentos, além de ser fundamental para ajudar na leitura de textos mais complexos. De um esquema podem originar-se um resumo, um relatório, uma circular, um cartaz, uma solicitação – para ficar em apenas alguns exemplos. De qualquer forma, tenha em mente que a habilidade de esquematizar virá com a prática.

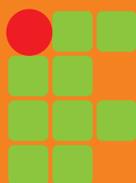
Exemplificando o esquema

Leia o texto abaixo e proceda ao que se pede:

Qual é a internet mais rápida que dá para ter em casa?

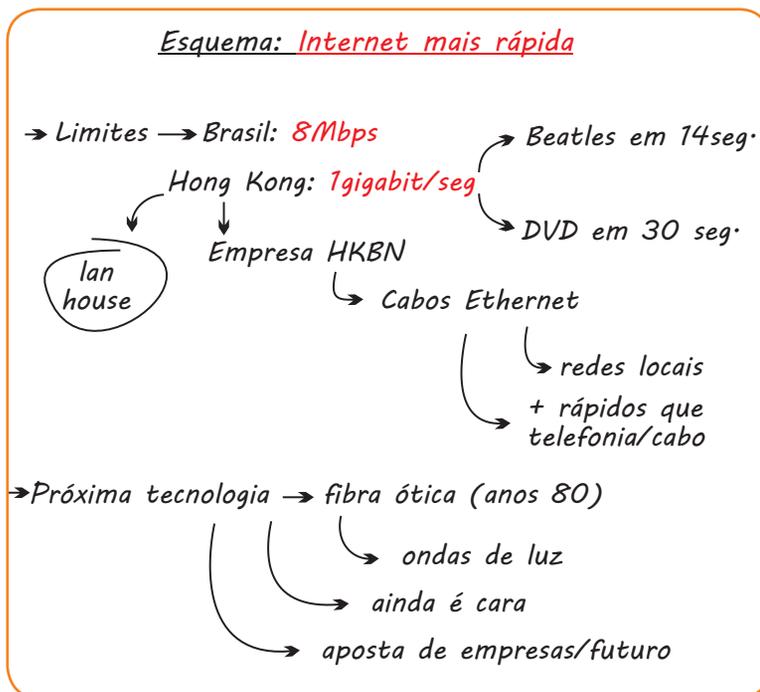
Bruno Garattoni
Superinteressante, Ed. 226 – maio 2006,
com adaptações

O limite está em 8 Mbps (8,1 Kbps) por aqui. Mas se você morasse em Hong Kong poderia acessar a rede a 1 gigabit por segundo (1,04 milhão de Kbps), o suficiente para baixar toda a obra dos Beatles em 14 segundos; ou um dvd em 30 segundos. Essa velocidade é possível porque a companhia chinesa HKBN interligou seus usuários via cabos Ethernet. Feitos para redes locais, eles são bem mais rápidos que os fios das redes de telefonia e de TV a cabo. É como se toda a Hong Kong fosse uma gigantesca LAN house. Mas o que deve aposentar a banda larga que a gente conhece é outra tecnologia: a fibra ótica. Ela



espreme bits e bytes em microtubos de vidro, na forma de ondas de luz. E estão nas redes de telecomunicações desde os anos 80. Mas até agora o lugar dela era nas centrais, que concentram o tráfego de milhares de computadores, já que pôr uma linha particular de fibra em cada residência sai caro. Até agora. É que várias empresas estão apostando nas conexões óticas. O futuro promete...

Após a leitura do texto, destaque as informações que considerar importantes e tente organizar um esquema. Abaixo, apresentamos uma possibilidade de esquematização para esse texto.



Lembre-se de que o esquema:

- Não é resumo do texto, visto que é organizado em tópicos/itens.
- Irá ajudá-lo tanto para produzir quanto para ler textos, orais ou escritos.

» Anotações

Em nosso cotidiano, a prática de “resumir” é bastante freqüente, ainda que poucas vezes nos demos conta disso. Um exemplo clássico dessa atividade é quando “resumimos” para alguém um filme a que assistimos, uma partida de futebol, um capítulo da novela... Alguns lembram de mais detalhes, outros de menos, mas intuitivamente selecionamos assunto, autor/participantes e outras informações relevantes, como data, jogadores, personagens, suas atitudes e falas...

Resumir textos escritos não é diferente. O objetivo é o mesmo, apenas mudou a “ferramenta”, já que precisamos, neste caso, fazer no papel tudo o que tão bem fazemos oralmente: informar o assunto, quem escreveu, onde o texto foi publicado, ideias relevantes, etc.

Resumir significa sintetizar, reduzir: simplificar mantendo a essência. Boa parte da tradição escolar, infelizmente, ensina que fazer um resumo consiste em “grifar as partes principais de um texto e depois copiá-las”. Na verdade, isso seria uma “colcha de retalhos”, já que a coesão, componente fundamental de um texto, é inexistente nessa “técnica” de resumir. Um bom resumo é uma nova construção, elaborada, que tem como pré-requisito uma leitura competente do texto, ou seja: é fundamental, primeiro, que eu tenha entendido o que precisará ser resumido.

As etapas do resumo

1. Uma boa leitura, que obedece aos seguintes passos:

- a. Leia o texto-base integralmente, procurando identificar, num primeiro momento, o assunto discutido ou exposto.
- b. Releia o material, desta vez anotando palavras cujos significados você desconheça. Se a situação permitir, um bom dicionário é uma ajuda e tanto nesta hora. Também esteja atento aos advérbios e outros elementos relacionais, ou seja, que estabelecem “conexão” entre as frases, tais como “embora, já que, por isso, entretanto...”, ou seja, as conjunções.
- c. Num terceiro momento, assinale afirmações do autor do texto. Elas vêm, geralmente, expressas com o verbo no presente do indicativo: “A necessidade de aprovação é inerente ao ser humano...”. Aponte, também, exemplos que eventualmente sejam utilizados, além de comentários e justificativas pessoais do autor, se existirem.

2. A elaboração da escrita. O resumo deve ser redigido de forma que estejam presentes:

- a. A **referência** ao texto-base, preferencialmente no início do texto. Exemplos: “Bruno Garantoni, em seu texto “A internet mais rápida que dá pra ter em casa”, publicado na edição 226 da revista Superinteressante, afirma que...”, ou: “Segundo Bruno Garantoni, em texto publicado na Superinteressante, a internet...”.
- b. A **constante retomada de autoria**, ou seja: você precisa “lembrar” ao seu leitor de que a opinião ali expressa não é sua, mas de “outra” pessoa. Ex: “Garantoni diz, ainda, que.....”; “Concluindo sua reflexão, o autor critica a sociedade, pois...”.
- c. As **principais** ideias do autor, descartando-se detalhes, exemplificações e outras estruturas secundárias.
- d. A **imparcialidade**: o resumo é um texto de natureza expositivo-informativa, ou seja: quem o produz nunca emite opinião ou juízo de valor algum. Mesmo que você discorde do que está sendo dito no texto.



Leia o texto abaixo, seguindo as orientações de leitura. Depois, proceda ao que é solicitado.

Definindo teoria

A palavra “teoria” vem aparecendo bastante na mídia, em parte devido ao debate entre criacionismo e ciência. Existem usos diferentes do termo, que acabam criando confusão. No seu uso popular, o termo descreve um corpo de idéias ainda incerto, baseado em especulações não demonstradas. Teoria, para muitos, significa um corpo de hipóteses esperando ainda por confirmação. Às vezes, o uso popular do termo distancia-se ainda mais do científico, significando idéias que são meio absurdas, fora da realidade: “Ah, esse cara sempre foi um inventor de teorias, não sabe do que está falando”, ou “isso aí não passa de uma teoria, provavelmente é besteira”.

Teoria em ciência significa algo completamente diferente. O termo mais apropriado para uma idéia de caráter especulativo é hipótese, e não teoria. Uma hipótese é justamente uma suposição ainda não provada, aceita provisoriamente como base para investigações

futuras. Por exemplo, a panspermia é uma hipótese que sugere que a vida na Terra veio de outras partes do cosmo. Não sabemos se está certa ou errada, mas podemos tentar comprová-la ou refutá-la. Já uma teoria consiste na formulação de relações ou princípios descrevendo fenômenos observados que já foi verificada, ao menos em parte. Ou seja, uma teoria não é mais uma mera hipótese, tendo já passado por testes que confirmam suas premissas.

Quando cientistas falam de uma teoria, falam de um corpo de idéias aceitas pela comunidade científica como descrições adequadas para fenômenos observados. A confirmação é por meio de observações e experimentos, o que cientistas chamam de método de validação empírica. Quanto mais sucesso tem uma teoria, maior o número de fenômenos que pode descrever. Quanto mais elegante, mais simples é. (...)

Isso não significa que a teoria (ou qualquer outra) seja perfeita. Sabemos que ela deixa de ser válida quando objetos estão muito próximos de estrelas como o Sol. Correções são necessárias, no caso fornecidas pela teoria da relatividade geral de Einstein, que, em 1916, generalizou a teoria de Newton. O fato de teorias não serem perfeitas é fundamental para o progresso da ciência. Caso contrário, não nos restaria nada a fazer. E é justamente aqui o lugar da hipótese em ciência, tentando, através de idéias ainda não demonstradas, alavancar o conhecimento, desenvolver ainda mais nossas teorias.

(GLEISER, Marcelo. Folha de S. Paulo, Mais!, 02 out. 2005, com adaptações)

Para exercitar, complete o resumo abaixo com as informações adequadas em relação ao texto.

Segundo , em seu texto
 , publicado na , é comum
 as pessoas aplicarem inadequadamente o termo Para ele, é
 o uso da palavra que gera confusão, significando por vezes
 ideias , o que contradiz o uso
 do termo. Nesse caso, a expressão mais adequada seria
, que significa, justamente, algo que ainda não foi , ou seja:
 o oposto de teoria. Gleiser salienta, ainda, que uma
 já foi por experimentos e observações sendo,
 portanto, aceita pela

O cientista conclui, entretanto, chamando a atenção para a
 das teorias, já que é justamente essa característica que permite
 o da ciência. Caso contrário, nas palavras do autor,
 “”



se quiser praticar ainda mais, reescreva a estrutura acima, modificando as partes que desejar.

Em nosso dia-a-dia, muitos problemas poderiam ser evitados com um pouco de planejamento. No ambiente corporativo, uma das práticas que ajudam nessa tarefa é a elaboração de roteiros.

O roteiro pode ser aplicado às mais diversas necessidades: seja uma pesquisa, na organização de eventos, em programações diversificadas em uma empresa e até mesmo em viagens – situação em que eles são obrigatórios.

Seja qual for a necessidade, é preciso ter em mente que a palavra norteadora de um roteiro é planejar, já que trata-se de uma espécie de guia, um orientador de atividades, de tarefas ou de comportamentos.

Ao elaborar um roteiro:

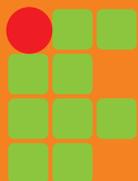
- **Defina: o que esse roteiro precisa orientar?**
- **Organize as ideias de forma lógica.**
- **Estruture tudo o que deseja em tópicos, pois isso facilita a organização.**
- **Procure saber dos envolvidos na atividade ou evento quais suas necessidades e expectativas.**
- **Sempre que possível, inclua nomes, telefones e outras informações importantes.**
- **Certifique-se de que todos os envolvidos (direta e indiretamente) tenham uma cópia do roteiro.**
- **A escrita precisa ser clara. Revise o roteiro quantas vezes forem necessárias.**
- **Lembre-se: sua função é planejar algo, de forma que imprevistos sejam evitados ao máximo. É essa, justamente, a função do roteiro.**

A seguir, há dois exemplos de roteiros diferentes, para que você possa ter uma ideia de como eles são estruturados. Obviamente, cada roteiro é único e dependerá de seu objetivo, da situação a ser planejada ou organizada. No caso de eventos, a função do secretariado é estreitamente ligada à de um Mestre de cerimônias, como você pode perceber no 1º exemplo.

1. Exemplo de um Roteiro básico de cerimoniais:

Um roteiro de cerimonial bem-feito é fundamental para o sucesso de um evento. Portanto, as cerimônias, via de regra, devem obedecer à seguinte ordem:

- Nome do evento
- Data/local/hora



- Introdução (fala de boas-vindas, explicação sobre o evento e instituição, etc)
- Especificação da composição da mesa solene
- Discursos
- Agradecimentos
- Encerramento da cerimônia/Convite para coquetel ou atividades acadêmicas e culturais subsequentes.

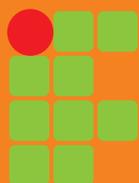
2. Exemplo de um Roteiro de viagem de negócios:

- Partida no dia 06 de setembro: Curitiba – São Paulo, voo 567 da XX, com decolagem às 7h00' AM. *Avisar Sr. Bastos que já foi feito o check-in via internet.
- Locação do veículo: locadora Car-Alpha, reserva com Sra. Andréia Micheletti.
- Hotel Business: reserva quarto 432. Gerente: Sr. Adolfo Linhares. Fone: xx 1234-5678.
- 11h: almoço no próprio hotel, com Srs. Alberto e Marcelo, da companhia YZJ. *Pauta para a reunião na pasta com os contratos.
- 15h: Deslocamento para o Centro de Exposições ABC.
- 16h30 às 19h00: visita à Feira de Máquinas LMN.
- Retorno para Curitiba: voo 765, companhia YY, com partida às 21h00.



A pesquisa será sua maior aliada na elaboração de um roteiro. Procure e pesquise, em bibliotecas ou na internet, aquele que seja mais adequado à sua necessidade.

» Anotações



Relato é um texto no qual são apresentadas as informações básicas e os fatos relacionados a um acontecimento específico. O principal objetivo do relato, que pode ser oral ou escrito, é informar, reconstruir para o leitor uma sequência de acontecimentos. Pertencentes ao tipo textual narrativo, os relatos são escritos, ou “contados”, em 1ª pessoa, com predomínio dos verbos no passado.

Como o principal objetivo de um relato é informar, é muito importante que os fatos/ocorrências sejam bem articulados. Caso contrário, o leitor ou ouvinte ficará confuso e a comunicação será truncada. É preciso, portanto, haver coerência, lógica entre as ideias.

Os relatos ocupam várias esferas da vida cotidiana, desde os boletins de ocorrências nas delegacias, até os diários de viagem e até mesmo em descrições de passeios ou atividades profissionais. Como em toda situação de comunicação, é preciso que o “relator” esteja atento ao perfil de seus interlocutores e à linguagem que deverá ser usada (formal ou informal), bem como selecionar os fatos a partir dessa imagem construída, atendo-se somente ao que é relevante a cada caso.

Ao produzir um relato escrito, devemos ter em mente que nosso leitor não terá a possibilidade de solicitar informações complementares, o que só é possível em um relato oral. Dessa forma, o texto precisa conter todas as informações necessárias para quem o lê.

Produzindo um relato

Procure lembrar-se de um episódio marcante ocorrido com você, na infância ou na vida adulta, e escreva sobre ele.

- Antes de começar, pense nos seus interlocutores. Imagine que seu relato será lido por seus colegas de trabalho, na empresa, e use uma linguagem e um nível de formalidade adequados a esse contexto.
- Situe o episódio no tempo e no espaço, crie referências lógicas para seu leitor. Cite pessoas envolvidas e procure descrever suas reações e sentimentos. Lembre-se de usar a 1ª pessoa e empregar os verbos no passado.
- Produza, inicialmente, um rascunho. Depois, revise-o e só então passe o texto a limpo.
- Caso sintá-se à vontade, dê seu texto para que colegas e familiares o leiam.

Para “inspirar-se”, leia um delicioso texto do escritor Rubem Alves:

Sobre as Memórias*

*Disponível em <http://www.rubemalves.com.br/sobreasmemorias.htm>
- acesso em 27/05/2010.

“Memória é onde se guardam as coisas do passado.”

Há dois tipos de memória: memórias sem vida própria e memórias com vida própria.

As memórias sem vida própria são inertes. Não têm vontade. Sua existência é semelhante à das ferramentas guardadas numa caixa. Não se mexem. Ficam imóveis nos seus lugares, à espera. À espera de quê? À espera de que as chamemos. Ao chegar a um hotel a recepcionista nos entrega uma ficha para ser preenchida. Lá estão os espaços em branco onde deverei escrever meu nome, endereço, número da carteira de identidade, do CPF, número do telefone, e-mail. Abro a minha caixa de memórias sem vida própria e encontro as informações pedidas. Se desejo ir do meu apartamento à casa de um amigo eu pergunto: que ruas tomar para chegar lá? Abro a caixa de ferramentas e lá encontro um mapa do itinerário que devo seguir. É da caixa das memórias sem vida própria que se valem os alunos para responder às questões propostas pelo professor numa prova. Se a memória não estiver lá ele receberá uma nota má...

São essas as memórias que os neurologistas testam para ver se uma pessoa está sofrendo do mal de Alzheimer. O médico, como quem não quer nada, vai discretamente fazendo perguntas sobre a cidade onde se nasceu, o nome dos pais, onde moram os filhos. Se a pessoa não souber responder é porque sua caixa de memórias está vazia. Essas memórias são muito importantes. Sem elas não poderíamos nos virar na vida. Estaríamos sempre perdidos.

As memórias com vida própria, ao contrário, não ficam quietas dentro de uma caixa. São como pássaros em vôo. Vão para onde querem. E podemos chamá-las que elas não vêm. Só vêm quando querem. Moram em nós mas não nos pertencem. O seu aparecimento é sempre uma surpresa. É que nem suspeitávamos que estivessem vivas! A gente vai calmamente andando pela rua e, de repente, um cheiro de pão. E nos lembramos da mãe assando pães na cozinha... Viajando, olhando a paisagem com pensamento perdido, vemos um rio. E a alma começa a recitar “O Tejo é mais belo que o rio da minha aldeia. Mas o Tejo não é mais belo que o rio da minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio da minha aldeia.” E nos lembramos então do riachinho em que brincávamos quando crianças.

Uma leitora enviou-me um e-mail em inglês. Desculpou-se. É egípcia. Vive no Brasil, entende bem o português mas tem dificuldades em se expressar. Disse-me que gostava das coisas que escrevo. Escreveu-me para dizer que uma palavra, uma única palavra que eu havia escrito a apunhalara. Numa crônica que eu escrevera para minhas netas, contando como era a vida na roça, disse que não havia eletricidade. Portanto não havia

geladeiras. As comidas eram guardadas num armário de tela chamado “guarda-comida”. Essa foi a palavra que a apunhalou. Como é que uma palavra tão banal pode apunhalar? Não foi a palavra. Foi a lembrança. Ela já havia se esquecido de que essa palavra existia. Aí, quando ela a leu, um passado longínquo retornou. Ela se viu menina na cozinha de sua casa no Cairo. Lá havia um guarda-comida...

“Alma” é o nome do lugar onde se encontram esses pedaços perdidos de nós mesmos. São partes do nosso corpo como as pernas, os braços, o coração. Circulam em nosso sangue, estão misturadas com os nossos músculos. Quando elas aparecem o corpo se comove, ri, chora...

Para que servem elas? Para nada. Não são ferramentas. Não podem ser usadas. São inúteis. Elas aparecem por causa da saudade. A alma é movida à saudade. A alma não tem o menor interesse no futuro. A saudade é uma coisa que fica andando pelo tempo passado à procura dos pedaços de nós mesmos que se perderam. (...)

É com esses cacos de memória, pedaços de nós mesmos, que se escrevem romances, estórias infantis, poesia, lendas, mitos religiosos, utopias. Nietzsche dizia que só amava os livros escritos com essas memórias, escritos com sangue. E Guimarães Rosa dizia a seus leitores que, para se ser escritor, é preciso conhecer a alquimia do sangue do coração humano. Ler um livro escrito com sangue é participar de um ritual antropofágico. É uma celebração eucarística.

Quando eu contava uma estória para minha filha pequena ela me perguntava: “Papai, essa estória aconteceu mesmo?” Traduzindo em linguagem de adulto: essas memórias são memórias de coisas que aconteceram ou são invenções? Eu ficava quieto, sem saber o que dizer. A explicação seria: “Não aconteceu nunca para que aconteça sempre...” O corpo se alimenta do que não existe. Temos saudade do que nunca aconteceu.

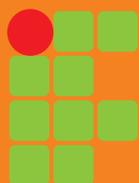
É muito fácil contar o passado usando as memórias sem vida própria. É só coletar os fatos e organizá-los numa ordem temporal e espacial. É assim que se escreve a “história”.

Mas é muito difícil contar as memórias com vida própria. Mía Couto, escritor angolano, sabe disso. Eis o que escreveu: “O que Dona Luarmina me solicita são exactas memórias. E isso é o que eu menos quero. Não é que me falem lembranças. Estão é espalhadas em toda a minha substância. Meu corpo foi-se tornando um cemitério de tempo, parece um desses bosques sagrados onde enterramos nossos mortos.”

As coisas se complicam quando é um velho contando estórias da sua infância. A saudade mistura tudo. A saudade não conhece o tempo. Não sabe o que é antes e nem depois. Tudo é presente. “A lembrança pura não tem data. Tem uma estação. Que sol ou que vento fazia nesse dia memorável? O devaneio não conta histórias...” (Bachelard)

Aí vem a confusão. O escritor duvida de suas lembranças e pergunta como a Adélia Prado: “Houve esta vida ou inventei?” Se a Adélia dirigisse a mim a sua pergunta acerca das coisas que eu conto eu responderia: “Se essa vida não houve, quando a escrevo fica havendo...”

(Texto publicado originalmente no jornal Correio Popular, em 28/08/2005)



O relatório é um texto de natureza expositivo-informativa. Trata-se de um agrupamento de informações que têm como objetivo relatar e divulgar dados, conclusões ou, ainda, o andamento de uma atividade. Pode ser um relatório técnico/científico, de experimentos, de um projeto ou de uma pesquisa. No meio empresarial, são muito comuns os relatórios de resultados, como os de produtividade ou ganhos.

Difícilmente um relatório será igual a outro. Isso porque há inúmeros contextos em que sua produção se justifica. Além disso, as informações a serem expostas são as mais variadas, inclusive em sua forma, já que se pode utilizar recursos paratextuais como as tabelas, as listas e os gráficos para “sustentar” esse tipo de documento.

O importante é ter em mente que um relatório precisa dar conta de transmitir todas as informações pertinentes ao assunto que o gerou. Ele tem que ser uma base de dados confiável, visto que, em muitos casos, ele não só pode gerar outros documentos, como orientar novos procedimentos, parametrizações e estratégias. Em linhas gerais, um relatório apresenta os seguintes elementos formais:

- Apresentação – Capa e folha de rosto.
- Sinopse – Pequeno resumo do que originou o relatório (pesquisa, projeto, experimento...).
- Sumário – Lista e localização das partes principais do relatório.
- Introdução:
 - ⇒ objetivos,
 - ⇒ justificativas e
 - ⇒ hipóteses de resultados ou avaliações, se for o caso.
- Desenvolvimento:
 - ⇒ Metodologia empregada na pesquisa ou coleta de dados*
 - ⇒ Embasamento teórico* – trata-se da sustentação científica do trabalho.
 - ⇒ Apresentação e análise de dados.
 - ⇒ Interpretação – conclusões a que se chegou com o projeto, evento ou pesquisa.

- Conclusão:
 - ⇒ É decorrência da análise e interpretação dos dados.
 - ⇒ Recomendações e sugestões – especialmente em casos de relatórios de empresas e projetos.
- Apêndice – tabelas, quadros, gráficos e listas que não apareceram no texto na íntegra, mas que por algum motivo foram mencionados e/ou embasaram o relatório.
- Bibliografia – relação de obras e documentos consultados, quando for o caso.

*Em caso de relatórios científicos.

Observações:

- As partes de introdução, desenvolvimento e conclusão não precisam ser separadas, podendo constituir um único texto.
- Quanto à estruturação do texto, a escrita precisa ser clara e direta. Não pode haver margens para dúvidas ocasionadas por frases ou parágrafos truncados.
- Sempre que utilizar termos técnicos procure explicá-los, bem como siglas e outras abreviações.
- Em um relatório, deve sempre predominar o caráter científico. Ou seja: nada de “achismos”: tudo o que for sugerido, as avaliações e as conclusões, devem estar embasadas por dados e informações concretas.
- Se você utilizar gráficos, anexos, tabelas, etc., confira os números e os textos, confrontando-os com os da pesquisa que realizou ou com os obtidos na observação feita.



Produção de relatório

- Escolha um tema ou assunto que tem ocupado os jornais atualmente. Pode ser algo relacionado ao âmbito nacional ou internacional. Sugestões: as taxas de desemprego no Brasil, o consumo de água, a extração do petróleo, eleições 2010...

EXPRESSÃO CORPORAL: A LINGUAGEM DO CORPO

Comunicar-se é agir sobre e com alguém, buscando mobilizá-lo, convencê-lo. A expressão corporal desempenha um importante papel nesse processo, ora ajudando a reforçar uma idéia que está sendo transmitida, ora funcionando como elemento de pré-julgamento dos interlocutores. Ou seja: nosso corpo, ainda que não tenhamos consciência disso, emite “sinais” de nossas possíveis reações, comportamentos ou sentimentos. Negar essa “linguagem” significa não ser capaz de perceber como a comunicação é um processo múltiplo e interativo, do qual o corpo humano é só mais um canal.

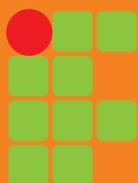
Vamos pensar em um exemplo prático: por que “achamos” que alguém é antipático apenas pelo fato de essa pessoa andar de cabeça erguida? Trata-se de um(a) arrogante ou esse indivíduo está mascarando uma insegurança? A resposta pode variar, podemos estar certos ou errados no pré-julgamento, mas o fato é que recebemos e passamos mensagens também com o comportamento não-verbal, usando o nosso corpo. Ele serve para confirmar, enfatizar, negar e, até, contradizer o que verbalizamos.

Assim como a língua, que permite a comunicação verbal, nosso comportamento físico (incluída aí a aparência), também é construído socialmente, é algo convencionalizado. Nós aprendemos a nos movimentar e posicionar de acordo com cada circunstância de nossa vida em sociedade. Muitas vezes agimos por pura imitação inclusive. Não são raros os casos de filhos adotivos que, com a convivência, passam a se “parecer” com o pai/mãe, mesmo que não haja nenhum laço biológico entre eles.

Os ambientes corporativos sabem da importância da linguagem corporal. Segundo especialistas e filósofos, vivemos na era do “visual”, ou seja, tudo o que chega a nossos olhos tem grande chance de atrair nossa atenção. Daí ser fundamental ficar atento a mais essa forma de comunicação.

Algumas dicas práticas sobre a linguagem corporal em ambientes formais:

- Procure manter sempre uma postura correta, sem andar com os ombros encurvados ou balançando demasiadamente as mãos.
- Ao sentar-se, ou mesmo em pé, não fique com as pernas abertas nem apóie-se em apenas uma delas.
- Procure olhar para todos os presentes, girando a cabeça com calma para uma ou outra direção, o que lhe garantirá naturalidade.
- Em relação aos gestos, vale o bom senso: a ausência deles é ruim; mas gesticular demais faz com que o enunciador pareça “estabanado” ou exagerado.
- Fique atento ao seu semblante, para que sua feição esteja de acordo com a



situação (alegria, seriedade, questionamento, etc.).

- Evite falar com os braços cruzados, com as mãos nos bolsos ou atrás do corpo, pois esses gestos podem expressar desconfiança, resistência ou desinteresse.
- Ficar esfregando as mãos também não é recomendável. O ideal é que elas sejam mais um recurso para reforçar o que está sendo dito, com movimentos pausados e firmes.

A importância da aparência

Se nossa língua e nossos gestos são construções sociais, também com nossa aparência isso acontece. O que vestimos é fruto de “combinados”, de convenções sociais e para cada ambiente e situação há uma roupa adequada. Escolher aquela que é ideal para trabalhar gera algumas dúvidas, principalmente quando a empresa não oferece uniforme. Nesses casos, o importante é que o visual adotado não atrapalhe a produtividade nem chame a atenção dos demais colegas de trabalho.

Conforto e bom-senso devem ser aliados na hora de escolher o que trajar. Isso porque uma boa aparência inspira credibilidade. No mercado, há empresas que, ao cabo da contratação de um novo colaborador, já repassam as orientações sobre vestimenta, os famosos “*dress code*”.

Não apenas, mas principalmente no ambiente corporativo, o vestuário fala pela pessoa, e um traje inadequado pode levar a inferências equivocadas sobre um(a) profissional que, embora competente e responsável, “passa uma imagem” de vulgaridade ou desleixo, por exemplo.

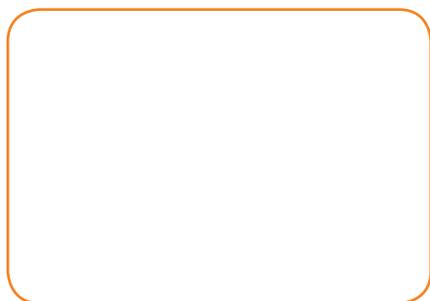
Obviamente que uma boa aparência passa pelos cuidados pessoais. Para as mulheres, cabelos em ordem e unhas feitas são considerados cartões de visita. Para os homens, corte em dia e barba feita são indispensáveis. Vale ainda cuidar de outros detalhes, como não carregar na maquiagem nem exagerar no perfume – esta uma dica que vale para ambos os sexos. Lembre-se: sua imagem pessoal deve refletir seus valores e qualidades como profissional.



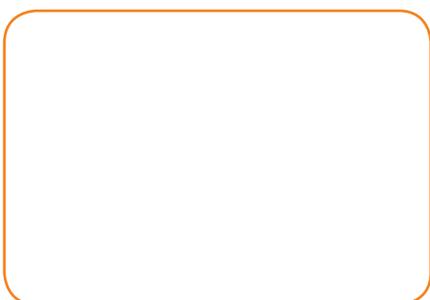
Você Sabia?

Estudos na área de moda revelam que 55% das pessoas baseia sua primeira impressão dos outros a partir da aparência e comportamento; 38% impressionam-se com o tom de voz e apenas 7% lembram da pessoa por suas palavras. Isso prova o que dissemos anteriormente sobre estarmos vivendo a era do “visual”. Ainda segundo pesquisas, nos primeiros dez segundos em que somos vistos somos julgados quanto à nossa classe social, situação financeira, personalidade e status profissional.

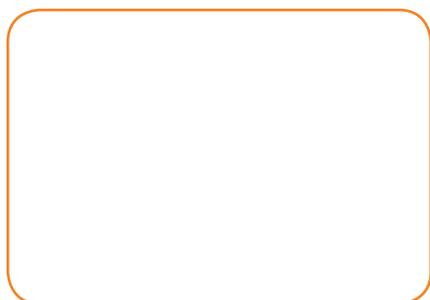
Para refletir sobre a importância da linguagem corporal, vamos analisar algumas personalidades, do meio artístico e do meio político. Você pode escolher duas delas, procurando imagens do tipo “antes e depois” de ambas. Depois, escreva um breve texto em que você comente como as opções de roupa, imagem e/ou aparência física foram capazes de criar uma identidade social positiva para essas pessoas.



Personalidade 1:
Grazi Massafera (ex-bbb e atriz)



Personalidade 2: Dilma Rouseff (ex-ministra da Casa Civil e atual candidata do PT à Presidência)



Personalidade 3: Ronaldo Nazário (jogador de futebol)



Personalidade 4: Luiz Inácio Lula da Silva (Presidente da República – procure compará-lo na campanha presidencial de 2002 e nas anteriores)



Dinâmicas de Grupo

A dinâmica de grupo é a atividade que leva um grupo de pessoas a uma movimentação, a uma observação que permita perceber como cada pessoa se comporta em grupo, em diferentes aspectos: a comunicação, a iniciativa (ou “pró-atividade”), o nível de frustração, se o indivíduo tem perfil de liderança, etc. Também se nota, com facilidade, quem tem dificuldade em trabalhar em equipe, o que não é interessante nos dias de hoje. Nesse caso, o que está sendo avaliado é a sociabilidade do indivíduo.

As dinâmicas funcionam, na verdade, como um jogo de interesses entre empregador e empregado. Para as organizações, não adianta só buscar o melhor profissional do mercado, mas também aquele que melhor se adapte às necessidades do cargo. Para os profissionais, funciona do mesmo jeito, afinal, todos estão em busca de uma boa oportunidade, não é mesmo? Por isso, a “sintonia” é essencial.

De qualquer forma, hoje já é consenso que as dinâmicas de grupo não permitem avaliar ou conhecer em profundidade a personalidade da pessoa. Para isso existem outras atividades, como avaliação psicológica e entrevistas em etapas, em que os candidatos passam por avaliação de setores variados na empresa. Além disso, até bem pouco tempo eram comuns relatos de dinâmicas que expunham em demasia os candidatos, constringendo-os em muitos casos. Hoje, essas ferramentas estão mais “leves”, o que faz muito sentido, pois agir naturalmente é a melhor estratégia para se dar bem nessas atividades. Se o candidato está preocupado com a condução do processo, temendo ser exposto, é normal que ele se sinta inseguro e não seja “ele mesmo”, encerrando com o propósito da dinâmica.

*Normalmente, as dinâmicas são organizadas em etapas:**

1. Apresentações ou “quebra-gelo”

Oralmente, cada participante faz uma pequena descrição de sua vida pessoal e profissional. Em versões mais dinâmicas, os candidatos recebem materiais de papelaria, como cartolina, lápis de cor, cola, tesoura e revistas. Ele deve apresentar-se, no caso, fazendo uso desses recursos, por meio de desenhos e/ou colagens.

2. Aquecimento

Nesta fase entra em cena o aspecto físico. Geralmente, o motivador (líder da dinâmica) escolhe uma dinâmica em função da leitura que fez do grupo. Se ele perceber que todos estão entrosados, pode propor uma dinâmica de relaxamento, por exemplo. Se o grupo necessitar de maior entrosamento, pode operar com jogos do tipo “batata-quente”, para “forçar” a convivência dos indivíduos.

3. Parte principal da dinâmica

O auge da interação pode ocorrer de três formas diversas, a depender da intenção do avaliador. Normalmente essa etapa é específica para cada cargo.

As partes principais da dinâmica podem ser:

- **Dinâmicas de Execução ou Realização** - desenvolvimento de um produto ou um projeto, como uma campanha de divulgação, por exemplo. Cabe aos candidatos criar slogan, peças publicitárias, estratégias de marketing, etc. Nesse caso, busca-se verificar criatividade, empatia, jogo de cintura, dinamismo, clareza de idéias, conhecimento do mercado e, principalmente, o comportamento de cada um em relação aos demais, além da contribuição individual para o resultado alcançado pelo grupo.

- **Dinâmicas de Comunicação** – baseiam-se em debates ou histórias. Divide-se o grupo em duas partes e apresenta-se um tema para discussão, de caráter atual, preferencialmente polêmico. Dependendo do assunto, o motivador pode sortear o grupo “pró” e o grupo “contra”. Os participantes conversam e “abrem” para a discussão. Nessa situação, o que se busca avaliar são a capacidade de argumentação e persuasão, o poder de negociação, o relacionamento interpessoal, a facilidade de expor idéias, a maturidade e o nível cultural, que pressupõe estar “antenado” com as atualidades.

- **Dinâmicas Situacionais** – realizadas verbalmente ou por meio de questionários, ao grupo é apresentado um problema do cotidiano da empresa. As equipes, anteriormente divididas, devem propor e defender suas soluções e estratégias. Em jogos situacionais, pretende-se avaliar a capacidade de compreensão e síntese do problema, a liderança, a habilidade analítica, a aceitação do que foi exposto pelo(s) grupo(s) oponente(s), além do poder de negociação, da coesão do grupo e sua maturidade. Também nesse tipo de interação são identificados os valores econômicos, religiosos e humanos do indivíduo, se ele é sonhador, prático, organizado ou desregrado. Os exemplos mais comuns, nesse caso, são as dinâmicas que simulam o salvamento das pessoas de um barco ou de um avião, entre outras possibilidades.

Passada a aplicação da Dinâmica, algumas empresas e recrutadores ainda realizam o “Feedback”, que é um momento em que o candidato coloca suas impressões a respeito do processo, opinando e, muitas vezes, realizando uma auto-avaliação também.

Algumas dicas para as Dinâmicas de grupo:

- Controle a ansiedade: manter a tranquilidade ajuda em quase todas as situações.
- Evite falar em excesso ou impedir que os outros participem/opinem, atropelando quem estiver falando.

- Vista-se adequadamente. Tanto quanto possível, utilize roupas confortáveis, lembrando-se de manter seu visual em acordo com a situação.
- Seja claro e objetivo ao expor suas idéias.
- Participe de tudo o que for proposto.
- Saiba ouvir e dividir papéis, se for o caso.
- Ao listar qualidades e defeitos, faça-o de maneira equilibrada. Acredite, os recrutadores têm experiência no que fazem, e sabem avaliar quando o candidato está exagerando.
- Aja com naturalidade. Refreie o impulso de fazer piadinhas, comentários preconceituosos e ironias.
- Apresente-se descansado, sem aparência de abatimento.
- Chegue ao local com antecedência entre 15 e 30 minutos em relação ao horário marcado.
- Não se preocupe com “vexames” ou com “pagar mico”. Lembre-se de que todos ali estão “no mesmo barco”.
- Para encerrar: não forje comportamentos. Seja você mesmo.

*Conteúdo adaptado <http://www.propagandista.com/artigos/dinamicadegrupo.pdf>



Na impossibilidade de aplicar uma dinâmica em grupo, a atividade a seguir é apenas uma proposta que fazemos a você. Ela também é simbólica, já que encerra este módulo e, caso resolva aderir à ideia, temos certeza de que muitos resultados serão interessantes.

Dinâmica: “**Carta a si próprio**”

Objetivo: Levantamento de expectativas individuais, compromissos consigo próprio, percepção de si, autoconhecimento, sensibilização, reflexão, automotivação, absorção teórica.

Material: Envelope, sulfite, caneta.

Tempo: 30 minutos.

Procedimento: Cada participante escreve uma carta a si próprio, como se estivesse escrevendo, na verdade, para seu(sua) melhor amigo(a). Dentre os assuntos, pode-se abordar: como se sente no momento, o que espera do curso, emprego novo, etc., como imagina estar pessoal e profissionalmente daqui a 30 dias... O participante deve destinar o envelope a si próprio e guardá-lo, ou enviá-lo a si mesmo, via correio, com o compromisso de abri-lo somente depois de decorridos 45 dias da data em que foi escrito.

Uma boa “viagem” para você e até o próximo módulo!

REFERÊNCIAS

Abaurre, Maria Luiza M. Gramática: texto: análise e construção de sentido. Volume único / Maria Luiza, Marcela Pontara. São Paulo: Moderna, 2006.

Cereja, William Roberto. Português: linguagens: volume 1 / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 6 ed. Reformulada. São Paulo: Atual, 2008.

GUIRAUD, Pierre. A linguagem do corpo. São Paulo: Ática, 2001.

MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Terra, Ernani. Práticas de linguagem: leitura e produção de textos / Ernani Terra, José de Nicola. São Paulo: Scipione, 2008.

Sites:

www.folha.com.br

www.globo.com

www.terra.com.br

www.uol.com.br

ATIVIDADES AUTOINSTRUTIVAS

(CFTMG) TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Quem são os puristas?

Purista é quem defende a “pureza” da língua contra todas as formas inovadoras, sempre vistas como sinais de “decadência”, “corrupção” e “ruína”, não só da língua, mas também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade. O termo purista, não por acaso, surgiu na França no século XVII, no apogeu do regime absolutista, centralizado na figura de um rei todo-poderoso, de uma concepção de mundo e de sociedade doentamente elitista, que só dava valor ao que vinha do topo do topo, da nata da nata. O pai do purismo é o escritor Vaugelas (pronuncia-se vojlá).

Ah, sim, desculpe a intimidade: Claude Favre, barão de Pérouges, senhor de Vaugelas (1585-1650)... Com esses títulos, evidentemente, ele só podia achar que a “boa linguagem” era a dos aristocratas. Ele escreveu, de fato, que o uso correto do francês devia se inspirar na língua falada pela “parte mais sadia da Corte”.

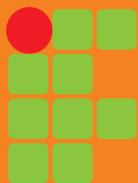
Então, não basta ser nobre, não basta ser aristocrata, é preciso ser mais nobre que a nobreza, mais aristocrata que a aristocracia...

O espírito de Vaugelas se incorpora hoje em muitos paspalhos e sacanas que andam por aí atacando as “impurezas” do português brasileiro.

Hoje em dia, nenhum purista gosta de ser chamado assim, porque, com o tempo, o rótulo se tornou pejorativo. No entanto, com um grau maior ou menor de intolerância, esses que andam dando “dicas de português”, escrevendo sobre a “falta de estilo” dos outros, chamando os brasileiros de “asnos”, “imbecis” ou, pior, de “caipiras” e “índios” (como se fossem xingamentos) são todos inegavelmente puristas.

Uns se disfarçam com um aparente liberalismo, dizem que não se pode discriminar ninguém pela linguagem etc., mas, no final, sempre acabam pregando a obrigação de se usar as formas mais conservadoras naquilo que chamam de “padrão culto formal”, que nunca se preocupam em explicar o que é. Outros usam um humor duvidoso, conquistam o leitor com piadinhas sempre muito preconceituosas para nos convencer de que no Brasil se fala um português “de rua, de botequim ou de cama”, como escreveu um deles.

A atitude irracional dos puristas fica evidente no absoluto desprezo que eles têm, não só pela linguística científica (o que é bem compreensível, sendo eles o que são), mas também pelo trabalho dos gramáticos e dicionaristas profissionais. O purista sempre recorre a fórmulas como “segundo a tradição gramatical”, “nos melhores dicionários” e coisas parecidas. Mas essa alegação é retórica vazia. Os gramáticos e dicionaristas de



verdade reconhecem, com frequência, as inovações que os falantes têm introduzido na língua e dão sua chancela a esses novos usos.

Pergunte a um purista, por exemplo, se tanto faz usar “despercebido” ou “desapercebido”. Ele vai dizer imediatamente que não, que cada uma das palavras tem sentido preciso e diferente. Mas no dicionário Houaiss a gente lê: “ante o emprego desses dois vocábulos como sinônimos por autores de grande expressão [...] a rejeição [da sinonímia] faz-se inaceitável”.

1Pior é quando eles querem reformar a língua a tapa, tentando impedir usos consagrados há séculos, presentes em todas as modalidades da língua, inclusive na melhor literatura. Bom exemplo é o de um desses supostos especialistas que, tornado célebre por sua quase onipresença na mídia, tirou do colete a regra bisonha de que a expressão “risco de vida” está errada e que só podemos falar de “risco de morte”. Pronto: foi o que bastou para todos os repórteres da televisão começarem a falar de “risco de morte”. É mole? Xô, fantasma de Vaugelas! T’esconjuro!

FONTE: BAGNO, Marcos. Revista Caros amigos - Seção: Falar brasileiro, p. 10 – agosto de 2009.

01. Pode-se afirmar que o texto

- a) expõe as razões pelas quais os puristas defendem o padrão culto formal da língua.
- b) critica a postura daqueles que agem de forma conservadora em relação à linguagem.
- c) analisa os motivos pelos quais os puristas adotaram uma visão inflexível diante das variações linguísticas.
- d) informa o leitor sobre as consequências da visão purista na avaliação dos modos de expressão das pessoas.
- e) todas as alternativas estão corretas

02. De acordo com o texto, para os puristas, língua é um(a)

- a) série de normas que devem ser seguidas.
- b) somatório de leis e usos que mudam com o tempo.
- c) conjunto de variedades linguísticas empregadas pelo falante.
- d) fenômeno social sujeito à interferência da comunidade que a usa.
- e) todas as alternativas estão corretas

03. Há marcas de oralidade da linguagem em:

- a) “Pior é quando eles querem reformar a língua a tapa, tentando impedir usos consagrados há séculos...” (ref. 1)
- b) “Hoje em dia, nenhum purista gosta de ser chamado assim, porque, com o tempo, o rótulo se tornou pejorativo.” (ref. 2)
- c) “Então, não basta ser nobre, não basta ser aristocrata, é preciso ser mais nobre que a nobreza, mais aristocrata que a aristocracia...” (ref. 3)
- d) “O termo purista, não por acaso, surgiu na França no século XVII, no apogeu do regime absolutista, centrado na figura de um rei todo-poderoso...” (ref. 4)
- e) todas as alternativas estão corretas

04. A questão 04 refere-se ao texto abaixo.

“As línguas constituem sistemas de comunicação verbal. Conquanto a fala seja da maior importância, fator fundamental de humanidade no homem, a nossa capacidade de comunicar conteúdos expressivos não se restringe às palavras; nem são elas o único modo de comunicação simbólica. Existem, na faixa de mediação significativa entre nosso mundo interno e o externo, outras linguagens além das verbais.”

(OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 24.)

Segundo o texto, é correto afirmar:

- a) Nada pode substituir as palavras como forma de comunicação.
- b) A capacidade humana de comunicação limita-se às linguagens não-verbais.
- c) A fala não é o único elemento a considerar em situações de comunicação simbólica.
- d) A fala é indispensável na mediação entre nosso mundo interno e o externo.
- e) Para comunicar conteúdos expressivos, é prioritário dominar as linguagens não-verbais.

05. Suponha um aluno se dirigindo a um colega de classe nestes termos: “Venho respeitosamente solicitar-lhe se digne emprestar-me o livro.” A atitude desse aluno se assemelha à atitude do indivíduo que:

- a) comparece ao baile de gala trajando “smoking”.
- b) vai à audiência com uma autoridade de “short” e camiseta.
- c) vai à praia de terno e gravata.
- d) põe terno e gravata para ir falar na Câmara dos Deputados.
- e) vai ao Maracanã de chinelo e bermuda.

06. (Ita) Na língua falada em situações informais, é comum um texto como o seguinte: “Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não cumprimentar ele, eu não cumprimento. Conheço ele há mais de 10 anos atrás. Quando pedi ajuda, ele me virou as costas. Tenho amigos que acham que deve-se perdoar estas coisas. Me recuso a aceitar isto.”**Assinale a opção que corresponde à melhor correção do texto anterior, de acordo com as normas da língua escrita formal.**

- a) Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não cumprimentá-lo, eu não cumprimento. Conheço-o há mais de 10 anos atrás. Quando lhe pedi ajuda, ele me virou as costas. Tenho amigos que acham que deve-se perdoar estas coisas. Recuso-me a aceitar isto.
- b) Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não lhe cumprimentar, eu não cumprimento. Conheço-o há mais de 10 anos atrás. Quando pedi ajuda, ele me virou as costas. Tenho amigos que acham que devem-se perdoar essas coisas. Recuso-me a aceitar isso.
- c) Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não o cumprimentar, eu não o cumprimento. Conheço-lhe há mais de 10 anos. Quando lhe pedi ajuda, ele virou-me as costas. Tenho amigos que acham que deve perdoar-se essas coisas. Recuso-me a aceitar isso.
- d) Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não cumprimentá-lo, eu não o cumprimento. Conheço-o há mais de 10 anos. Quando lhe pedi ajuda, ele virou-

me as costas. Tenho amigos que acham que se devem perdoar essas coisas. Recuso-me a aceitar isso.

- e) Detesto aquele rapaz. Se eu tiver a chance de não o cumprimentar, eu não cumprimento. Conheço-o há mais de 10 anos atrás. Quando pedi ajuda, ele virou-me as costas. Tenho amigos que acham que se deve perdoar estas coisas. Recuso-me a aceitar isso.

07. (Fgv)



“O Estado de S. Paulo”, 14/4/2001.

Nos três primeiros quadrinhos, a linguagem utilizada é mais formal e, no último, mais informal. Assinale a alternativa que traga, primeiro, uma marca da FORMALIDADE e, depois, uma marca da INFORMALIDADE presentes nos quadrinhos.

- a) Vilania; vosso.
 b) Vós; você.
 c) Estou; você.
 d) Tenhais; segui.
 e) Notícias; falem.

08. (Enem) A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim, o conhecimento acerca das variedades linguísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas.

Considerando as informações acima, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego. Ao redigi-la, você

- a) fará uso da linguagem metafórica.
 b) apresentará elementos não verbais.
 c) utilizará o registro informal.
 d) evidenciará a norma padrão.
 e) fará uso de gírias.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Curitiba, 20 de novembro de 2003.

À

Verde Vivo - Paisagismo e jardinagem

At.: Joaquim Maria Matos

Assunto: Solicitação de vaga.

Senhor Gerente:

Buscando pleitear uma vaga em sua conceituada empresa, encaminho meu currículo resumido. Também informo que possuo disponibilidade para viagens.

No aguardo de uma resposta, desde já agradeço a atenção dispensada.

Atenciosamente,

João Fabrício Mazza

09. A respeito da caracterização do texto (uma carta), assinale a alternativa INCORRETA:

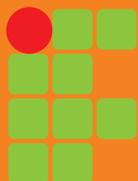
- a) O texto é predominantemente narrativo.
- b) O nível de linguagem está adequado, porque se trata de uma situação que exige formalidade.
- c) Trata-se de um texto que circula em núcleos de atividade comercial/profissional.
- d) A objetividade e a precisão na seleção vocabular são fundamentais em textos de circulação na esfera profissional ou empresarial.
- e) A configuração do espaço na página pode variar, portanto, esse aspecto não representa uma das exigências de textos em ambientes formais.

10. (Enem)

SOUZA, Maurício de. [Chico Bento]. *O Globo*, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, 19 dez. 2008, p.7.

O personagem Chico Bento pode ser considerado um típico habitante da zona rural, comumente chamado de “roceiro” ou “caipira”. Considerando a sua fala, essa tipicidade é confirmada primordialmente pela

- a) transcrição da fala característica de áreas rurais.
- b) redução do nome “José” para “Zé”, comum nas comunidades rurais.
- c) emprego de elementos que caracterizam sua linguagem como coloquial.
- d) escolha de palavras ligadas ao meio rural, incomuns nos meios urbanos.
- e) utilização da palavra “coisa”, pouco frequente nas zonas mais urbanizadas.



11. (Enem) As dimensões continentais do Brasil são objeto de reflexões expressas em diferentes linguagens. Esse tema aparece no seguinte poema:

“(…) Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as
vogais?
Que tem se o quinhentos réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Junto formamos este assombro de misérias e
grandezas,
Brasil, nome de vegetal! (…)”

(Mário de Andrade. Poesias completas. 6. ed. São Paulo: Martins Editora, 1980.)

O texto poético ora reproduzido trata das diferenças brasileiras no âmbito étnico e religioso.
linguístico e econômico.
racial e folclórico.
histórico e geográfico.
literário e popular.

Texto para as questões 12 a 14:

Por falar e escrever bem, é preciso, além de conhecer o padrão formal da Língua Portuguesa, saber adequar o uso da linguagem ao contexto discursivo. Para exemplificar este fato, seu professor de Língua Portuguesa convida-o a ler o texto “Aí, Galera”, de Luís Fernando Veríssimo. No texto, o autor brinca com situações de discurso oral que fogem à expectativa do ouvinte.

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

— Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

— Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

— Como é?

— Aí, galera.

— Quais são as instruções do técnico?

— Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de,

recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

— Ahn?

— É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

— Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

— Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

— Pode.

— Uma saudação para a minha progenitora.

— Como é?

— Alô, mamãe!

— Estou vendo que você é um, um...

— Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

— Estereoquê?

— Um chato?

— Isso.

12. O texto retrata duas situações relacionadas que fogem à expectativa do público. São elas:

- a)** a saudação do jogador aos fãs do clube, no início da entrevista, e a saudação final dirigida à sua mãe.
- b)** a linguagem muito formal do jogador, inadequada à situação da entrevista, e um jogador que fala, com desenvoltura, de modo muito rebuscado.
- c)** o uso da expressão galera, por parte do entrevistador, e da expressão progenitora, por parte do jogador.
- d)** o descobrimento, por parte do entrevistador, da palavra estereotipação, e a fala do jogador em “é pra dividir ao meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça”.
- e)** o fato de os jogadores de futebol serem vítimas de estereotipação e o jogador entrevistado não corresponder ao estereótipo.

13. O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto.

Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto ou situação:

- a) O carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito — um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
- b) E aí, ô meu! Como vai essa força? — um jovem que fala para um amigo.
- c) Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação — alguém comenta em uma reunião de trabalho.
- d) Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa — alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
- e) Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros — um professor universitário em um congresso internacional.

14. A expressão “pegá eles sem calça” poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por:

- a) pegá-los na mentira.
- b) pegá-los desprevenidos.
- c) pegá-los em flagrante.
- d) pegá-los rapidamente.
- e) pegá-los momentaneamente.

Texto para a próxima questão:

Bichos preguiça

Juca Pacatão e seu filho, Felismino, tinham fama de serem os sujeitos mais preguiçosos do mundo. Em uma

manhã de inverno, ainda deitados, travaram o seguinte diálogo:

— Felismino!

— Qui é, pai?

— Se tivé choveno nós hoje não vai trabaiá.

— Claro que não, pai.

— Intão levanta e vai vê se tá choveno.

— Levantá pra quê, pai? Chama os cachorro e se

eles tivé moiado é praquê tá choveno...

Almanaque BRASIL de cultura popular, dez./99, ano 1, n.o 9, p. 30 (com adaptações).

15. A partir do texto acima, assinale a alternativa incorreta:

- a) Conforme ilustra o texto, a introdução ao diálogo é um exemplo de como o autor, enquanto narrador, respeita as exigências da norma culta da modalidade escrita da língua portuguesa.
- b) No discurso indireto e seguindo o padrão da norma culta, o início do diálogo (três primeiros travessões) entre pai e filho poderia ser assim redigido: O pai chamou o filho para dizer-lhe que, se estivesse chovendo, eles não vão trabalhar hoje.
- c) A última fala, corretamente reescrita no discurso indireto, poderia ser assim redigida: Mas o filho não via necessidade disso e sugeriu que o pai chamasse os cachorros: s e l e se estivessem molhados, poderiam concluir que chovia.
- d) Pelo sentido geral do texto, o título poderia ser corretamente substituído por: A lei do menor esforço.
- e) todas as alternativas estão corretas

16. (Enem) Cientistas da Grã-Bretanha anunciaram ter identificado o primeiro gene humano relacionado com o desenvolvimento da linguagem, o FOXP2. A descoberta pode ajudar os pesquisadores a compreender os misteriosos mecanismos do discurso — que é uma característica exclusiva dos seres humanos. O gene pode indicar porque e como as pessoas aprendem a se comunicar e a se expressar e porque algumas crianças têm disfunções nessa área. Segundo o professor Anthony Monaco, do Centro Wellcome Trust de Genética Humana, de Oxford, além de ajudar a diagnosticar desordens de discurso, o estudo do gene vai possibilitar a descoberta de outros genes com imperfeições. Dessa forma, o prosseguimento das investigações pode levar a descobrir também esses genes associados e, assim, abrir uma possibilidade de curar todos os males relacionados à linguagem.

Disponível em: <http://www.bbc.co.uk>. Acesso em: 4 maio 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor da veracidade das informações contidas no texto, o autor recorre à estratégia de

- a) citar autoridade especialista no assunto em questão.
- b) destacar os cientistas da Grã-Bretanha.
- c) apresentar citações de diferentes fontes de divulgação científica.
- d) detalhar os procedimentos efetuados durante o processo da pesquisa.
- e) elencar as possíveis consequências positivas que a descoberta vai trazer.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Business Intercontinental da Iberia.

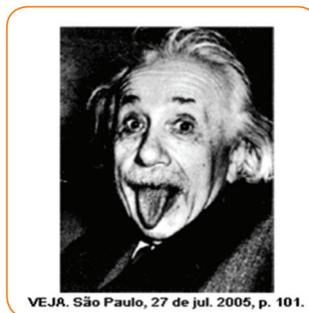
Mais espaço entre as poltronas.

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança oneworld. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

17. Entre os recursos de persuasão empregados no texto verbal do anúncio, só NÃO ocorre o uso de

- a) termos técnicos.
- b) trocadilhos ou rimas.
- c) apelo direto ao leitor.
- d) enumeração acumulativa de vantagens.
- e) expressões em inglês.

18. (Ufg)



Einstein com a língua de fora é uma das imagens mais exploradas pela publicidade. Essa foto é produtiva como recurso persuasivo no discurso publicitário, por exemplo, porque

- a) instiga o leitor a recuperar valores emocionais despertados em um dos maiores físicos da história.
- b) estimula o público consumidor a questionar as verdades científicas estabelecidas antes do século XX.
- c) vincula a credibilidade da propaganda ao princípio físico de que a percepção da realidade é relativa.
- d) concorre para a promoção do jogo com o inesperado, ao mostrar a irreverência de um renomado cientista.
- e) sugere que os textos das propagandas devem ser tão atuais quanto às inovações tecnológicas.

19. (Enem)



fonte: <http://www.heliorubiales.zip.net>

A figura é uma adaptação da bandeira nacional. O uso dessa imagem no anúncio tem como principal objetivo

- a) mostrar à população que a Mata Atlântica é mais importante para o país do que a ordem e o progresso.
- b) criticar a estética da bandeira nacional, que não reflete com exatidão a essência do país que representa.
- c) informar à população sobre a alteração que a bandeira oficial do país sofrerá.
- d) alertar a população para o desmatamento da Mata Atlântica e fazer um apelo para que as derrubadas acabem.
- e) incentivar as campanhas ambientalistas e ecológicas em defesa da Amazônia.

20. (Fei) Assinalar a alternativa que apresenta o vício de linguagem conhecido como solecismo:

- a) Não podemos adiar a viagem para depois.
- b) Ele entrou de sócio no clube.
- c) Fazem dois anos que trabalho aqui.
- d) É louvável a fé de teu time.
- e) Ele assistiu ao incêndio do prédio.

21. Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico NÃO decorre da ordem dos termos.

- a) () O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 19/10/2000)
- b) () Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (Folha de S. Paulo, 26/01/2003)
- c) () Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo. (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) () Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) () Detido acusado de furtos de processos (Folha de S. Paulo, 8/7/2000)

22. (Uerj) Leia atentamente o fragmento a seguir:

“Por exemplo, a frase:

‘Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre SEUS exames...’

tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.”

(CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. “Nova gramática do português contemporâneo”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

O fragmento acima aponta o problema da ambiguidade resultante do emprego do termo “seus”.

A ocorrência da ambiguidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão.

Essa característica do vocábulo “seus” é a de:

- a) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
- b) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicar-lhe característica própria
- c) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
- d) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação
- e) indicar o verbo

23. (Fuvest) Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambiguidade, EXCETO em:

- a) Pagar o FGTS JÁ custa R\$13,3 bi, diz o consultor.
- b) Pais rejeitam MENOS crianças de proveta.
- c) Consigo me divertir TAMBÉM aprendendo coisas antigas.
- d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que MELHOR lidar com as máquinas.
- e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do PÚBLICO.

24. (Puccamp) A frase jornalística cuja má formulação permite a ambiguidade é:

- a) Os aeroviários farão manifestação no saguão do aeroporto.
- b) Pelé não consegue esconder o orgulho de seus novos filhos.
- c) A equipe de jornalistas foi afastada com violência pelos seguranças do Ministério.
- d) O índice inflacionário manteve-se estável em relação ao do mês passado.
- e) A demissão do Ministro era aguardada por todos que vinham acompanhando o caso.

25. (Ufpr) Ao escrever uma carta aos condôminos de um edifício, o síndico produziu o texto a seguir, muito confuso.

“Antes demais nada, quero agradecer ao comparecimento dos condôminos a reunião e sabemos que houve pessoas impossibilitadas a comparecerem nesta reunião as quais considero, onde as mesmas comunicaram antecipadamente.”

Tal trecho pode ser reescrito, tornando-se claro, coerente e adequado à norma culta, da seguinte forma:

- a) Antes de mais nada, quero agradecer o comparecimento dos condôminos à reunião. Quero expressar também minha consideração pelas pessoas que, impossibilitadas de comparecer, comunicaram antecipadamente a sua ausência.
- b) Quero, antes de mais nada, agradecer aos condôminos que compareceram à reunião, onde houve pessoas impossibilitadas de comparecer nela. Considero as mesmas porque comunicaram antecipadamente.
- c) Quero agradecer antes de mais nada aos condôminos os quais compareceram à reunião e também expressar minha consideração pelas quais, impossibilitadas de comparecer, comunicaram antecipadamente sua ausência.
- d) Antes de mais nada, quero agradecer o comparecimento dos condôminos à reunião. Sabemos que houve pessoas impossibilitadas de comparecerem, as quais considero porque as mesmas comunicaram antecipadamente.
- e) Antes de mais nada, quero agradecer ao comparecimento dos condôminos à reunião. Sabemos que houve pessoas impossibilitadas de comparecerem nesta reunião, onde as mesmas comunicaram antecipadamente, as quais expressei minha consideração.

26. Leia as seguintes sentenças:

- 1) “O prefeito desistiu do veto quando seu secretário o convenceu que o projeto era bom.”
- 2) “Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado que estamos diante do Juízo Final.”

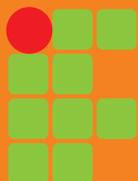
As frases acima, extraídas da “Folha de S. Paulo”, de 21/10/2000, estariam de acordo com a norma culta, coesos e coerentes, se apresentassem a seguinte redação:

- a)
 - 1) O prefeito desistiu do veto quando seu secretário lhe convenceu que o projeto era bom.
 - 2) Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado a que estamos diante do Juízo Final.
- b)
 - 1) O prefeito desistiu do veto quando seu secretário convenceu-o que o projeto era bom.
 - 2) Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado de que estamos diante do Juízo Final.
- c)
 - 1) O prefeito desistiu do veto quando seu secretário o convenceu de que o projeto era bom.
 - 2) Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado de que estamos diante do Juízo Final.
- d)
 - 1) O prefeito desistiu do veto quando seu secretário lhe convenceu a que o projeto era bom.
 - 2) Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado de que estamos diante do Juízo Final.
- e)
 - 1) O prefeito desistiu do veto quando seu secretário o convenceu de que o projeto era bom.
 - 2) Para derrotar seu adversário é preciso convencer a maioria do eleitorado em que estamos diante do Juízo Final.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**A OUTRA NOITE**

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:



- O senhor vai me desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlameçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

- Mas que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um “boa noite” e um “muito obrigado ao senhor” tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

Braga, Rubem.

(In PARA GOSTAR DE LER. v.2., 7ª ed., São Paulo: Ática, 1986, p.75.)

27. (Pucsp) No texto anterior:

I. Há a presença de interlocutores (falante e ouvinte) marcados linguisticamente, por exemplo, pela presença de MIM, CONFIRMEI e de SENHOR, sua CONVERSA.

II. O falante é marcado pela terceira pessoa do singular: DESCEU, CHEGOU, ELE etc.

III. Há referência ao ouvinte, marcado nas formas verbais RESOLVI, CONTEI, VAI DESCULPAR, DISSE e nos pronomes SE e ME.

Assinale a alternativa correta.

- a) I e II estão incorretas.
- b) Apenas I está correta.
- c) Todas estão corretas.
- d) I e II estão corretas.
- e) Apenas II está correta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ALMA ESFÉRICA DO CARIOCA

“Chego do mato vendo tanta gente de cara triste pelas ruas, tanto silêncio de derrota dentro e fora das casas, como se o gosto da vida se tivesse encerrado, de vez, com as cinzas do finado carnaval dos últimos dias.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável - o futebol.

Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre País.

Por que, então, chorar a festa passada se ao breve ciclo da fantasia do samba logo se segue a ardente realidade do futebol? Desmontaram o palanque por onde desfilou a elite do samba? E daí? Lá está o Maracanã, rampas gigantescas, assentos intermináveis, tudo pronto para o grande desfile de angústias e paixões que precedem a glória de um chute. Agora mesmo, alguém me veio dizer, contente, que a grama está uma beleza, de área a área, e que, com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.

Salgueiro, Fluminense, Mangueira, Flamengo, Império, Botafogo - milagrosa alternância de emoções na vida de uma cidade; passos e passes de uma gente que curtiu seu amor ao mesmo tempo no contratempo de um tamborim e no instante infinito de um gol.

Mal se foi o Salgueiro, já vem chegando o Flamengo, preto e vermelho, apontando, ardente, na boca do túnel que se abre para a multidão em delírio.

Couro de gato, bola de couro, quicando e repicando pela glória de uma cidade que não tem por que chorar tristezas. Rio.”

(Armando Nogueira)

28. (Unirio) “Lá está o Maracanã, rampas gigantescas, assentos intermináveis, TUDO pronto para o grande desfile de angústias e paixões QUE precedem a glória de um chute.”

Respeitando o processo coesivo textual, no trecho acima, os elementos destacados atualizam, respectivamente,

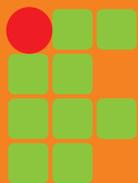
- a) assentos intermináveis / o grande desfile de paixões
- b) Maracanã / o grande desfile
- c) desfile de angústias / rampas gigantescas
- d) assentos intermináveis / angústias e paixões
- e) rampas gigantescas, assentos intermináveis / angústias e paixões

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cidade prevista

Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.

Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,



sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.

Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.

Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.

Mas ele será um dia
o país de todo homem.

(Carlos Drummond de Andrade, Poesia e prosa, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p.158-159)

29. (Ufpe) Considerando os recursos de coesão empregados no poema, pode-se afirmar que:

1. o possessivo 'vosso' remete para o pronome sujeito da forma verbal 'cantai', no primeiro verso.
2. a expressão "nesse jeito" retoma, coesivamente, a outra anterior "um jeito só de viver".
3. o elemento ao qual a palavra 'nenhum' remete não está anteriormente explícito no texto.
4. em "este país", o termo 'este' especifica, "mostra" o elemento de que se está falando.
5. os vocábulos "irmãos" e "poetas" se referem aos mesmos indivíduos, na sequência do poema.

Estão corretas apenas:

- a) 1, 2, 4 e 5
- b) 1, 2, 3 e 4
- c) 1 e 3
- d) 2, 4 e 5
- e) 3 e 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A revista *Ciência Hoje* 28 teve como tema central o Projeto Genoma Humano. A seguir estão alguns trechos da reportagem que servem de base para as questões seguintes.

Genoma decifrado, trabalho dobrado

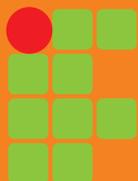
Cinco anos antes do previsto, foi anunciado o término do sequenciamento do genoma humano. A corrida atrás da identificação de todos os genes do “Homo sapiens” envolveu laboratórios de 18 países, liderados por instituições dos Estados Unidos e do Reino Unido, e consumiu estimados US\$ 3 bilhões, sem contar a injeção final de recursos, necessária para apressar o fim dessa primeira etapa e fazer frente a grupos privados que ameaçavam terminar antes a “façanha do século”. Trata-se, sem dúvida, de uma primeira etapa, porque o Projeto Genoma Humano representa, na verdade, apenas uma enorme base de dados, que os cientistas precisam entender em detalhe para um dia chegar a manipulá-los. Para os geneticistas, há trabalho para mais de um século de pesquisa.

O sequenciamento, a identificação e a interpretação de genes já vinham sendo feitos há mais de 10 anos, mas em ritmo considerado lento diante das possibilidades abertas com o desenvolvimento de equipamentos que amplificam o DNA e leem milhares de sequências genéticas ao mesmo tempo. A criação do Projeto Genoma Humano visou financiar o uso dessa tecnologia e “acelerar e antecipar em décadas os achados que, de um jeito ou de outro, seriam realizados”, diz a geneticista Maria Rita Passos Bueno, da Universidade de São Paulo (USP). Muitos resultados são imprevisíveis, mas os dados já obtidos, diz a pesquisadora, “sem dúvida permitirão um desenvolvimento extraordinário, tanto na medicina e na biotecnologia quanto na bioinformática” - essa nova área vem se desenvolvendo em função da necessidade de análise de toda a informação biológica que está sendo gerada.

Vários pesquisadores analisaram os possíveis desdobramentos dessa descoberta. Destacamos, por exemplo, a seguinte declaração de Ronald M. Green, diretor do Dartmouth College (USA).

São três os principais benefícios trazidos pelo sequenciamento do genoma humano para a área médica: 1) aperfeiçoar o diagnóstico de doenças, incluindo os distúrbios hereditários conhecidos e muitas condições geneticamente influenciadas, como a hipertensão e diversos cânceres; 2) aprimorar o tratamento, com o desenvolvimento de drogas que seriam elaboradas sob medida (de acordo com as características genéticas do paciente) para maximizar sua eficácia e reduzir sua toxicidade; e 3) desenvolver intervenções diretas no DNA (terapias gênicas), para corrigir “falhas” genéticas associadas às doenças.

(CIÊNCIA HOJE, nº 28, nov. 2000. p. 22-3.)



30. (Uel) A coesão do primeiro texto se deve, em parte, ao uso de expressões que remetem a outras, algumas das quais foram assinaladas. A expressão à qual o item assinalado se liga está indicada corretamente na alternativa:

- a) manipulá-LOS → os cientistas
- b) ESSA NOVA ÁREA → a biotecnologia
- c) o uso DESSA TECNOLOGIA → desenvolvimento de equipamentos que amplificam o DNA e leem milhares de sequências genéticas ao mesmo tempo
- d) dessa PRIMEIRA ETAPA → grupos privados que ameaçavam terminar antes a “façanha do século”
- e) OS DADOS JÁ OBTIDOS → o Projeto Genoma Humano

31. Que alternativa estrutura corretamente as informações abaixo num único período, mantendo-lhe a coesão e a coerência?

- A concessionária de energia elétrica tem procurado cumprir todas as cláusulas do Contrato de Prestação de Serviço.
 - A atuação da concessionária ainda está sob avaliação.
 - Os consumidores tiveram acesso ao Contrato de Prestação de Serviço nesta semana.
- a) A concessionária de energia elétrica, que a atuação dela ainda está sob avaliação, tem procurado cumprir todas as cláusulas do Contrato de Prestação de Serviço a que os consumidores tiveram acesso nesta semana.
 - b) A concessionária de energia elétrica, cuja atuação ainda está sob avaliação, tem procurado cumprir todas as cláusulas do Contrato de Prestação de Serviço a que tiveram acesso os consumidores nesta semana.
 - c) O Contrato de Prestação de Serviço que os consumidores tiveram acesso nesta semana tem todas as suas cláusulas cumpridas pela concessionária, que tem uma atuação ainda sob avaliação.
 - d) O Contrato de Prestação de Serviço, cujos consumidores tiveram acesso nesta semana, tem sido cumprido pela concessionária que a atuação da mesma está ainda sob avaliação.
 - e) A concessionária de energia elétrica, cuja atuação está ainda sob avaliação, tem procurado cumprir todas as cláusulas do Contrato de Prestação de Serviço, do qual os consumidores tiveram acesso.

32. Apesar das boas intenções, observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estão cautelosos.

Em que alternativa o período acima foi reescrito coerentemente, sem prejuízo de sentido?

- a) Observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estão cautelosos, não obstante as boas intenções.
- b) Os observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estão cautelosos, porque estão com boas intenções.
- c) Como estão com boas intenções, observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estão cautelosos.
- d) As boas intenções fazem com que observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estejam cautelosos.

- e) Apesar de estarem com boas intenções, os observadores independentes e organizações de defesa dos direitos humanos estão também cautelosos.

33. Assinale a alternativa que reescreve o seguinte trecho de um texto, unindo os três períodos em um só, mantendo a sua correção e coerência:

“É que nos esquecemos sempre que Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis. E estas não foram estigmatizadas. Ao contrário, foram mitificadas.”

- a) É que nos esquecemos sempre que Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis, porque não foram estigmatizadas, porém, foram mitificadas.
- b) Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis, que não foram estigmatizadas, porque foram mitificadas e disso sempre nos esquecemos.
- c) É que nos esquecemos sempre que Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis que não foram estigmatizadas, mas mitificadas.
- d) É que nos esquecemos sempre que Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis, as quais não foram estigmatizadas, portanto, foram mitificadas.
- e) Brasil e Argentina tiveram, antes da ditadura militar, ditaduras civis, onde não foram estigmatizadas, pelo contrário, foram mitificadas e disso sempre nos esquecemos.

34. “A gente não sabe qual vai ser o desenlace dessa crise e a gente não deseja que os culpados saiam sem punição. Mas com certeza vamos poder tirar daí uma lição: a gente precisa cobrar mais de nossos representantes.”

O trecho acima deve ser reescrito em conformidade com as normas cultas de uma escrita formal, num único período que inicie com embora, sem que se alterem as relações de sentido e coerência. Assinale a alternativa que cumpre essa determinação.

- a) Embora não saibamos qual será o desenlace dessa crise e não desejemos que os culpados saiam sem punição, certamente poderemos tirar daí uma lição: precisamos cobrar mais de nossos representantes.
- b) Embora não se sabe qual vai ser o desenlace dessa crise e não se deseje que os culpados saiam sem punição, com certeza vamos poder tirar daí uma lição: precisa-se cobrar mais dos nossos representantes.
- c) Embora não sabemos qual vai ser o desenlace e não desejamos que os culpados saiam sem punição, certamente pode-se tirar uma lição dessa crise: que precisamos cobrar mais de nossos representantes.
- d) Embora a gente não sabe qual o desenlace dessa crise, não desejamos que os culpados saiam sem punição: com certeza vamos poder tirar daí uma lição, que precisamos cobrar mais de nossos representantes.
- e) Embora a gente não sabemos do desenlace dessa crise e não desejarmos que culpados saiam sem punir, com certeza vamos tirar uma lição daí: temos que cobrar mais nossos representantes.

LEIA O TEXTO SOBRE O FILME” UMA VERDADE INCONVENIENTE”

UMA VERDADE INCONVENIENTE (*An Inconvenient Truth*, Estados Unidos. 2006.

Paramount) - Al Gore passou décadas de sua carreira fazendo papel de chato ao falar insistentemente sobre um problema que parecia distante, o aquecimento global. Ficou com fama de bobão e, como se sabe, perdeu a eleição para George W. Bush de forma NEBULOSA. Enquanto a popularidade do atual presidente despenca, entretanto, a dele anda nas alturas - até em Prêmio Nobel já se fala. Tudo graças a esse bem URDIDO documentário sobre o tema mais caro ao ex-presidente vice-presidente-presidente: as mudanças climáticas. Envolvente, ritmado e didático sem ser condescendente, o filme chega ao DVD com dados atualizados em relação à versão vista no cinema e é um programa quase que obrigatório para quem deseja entender por que o clima anda tão louco e o que se pode fazer, no dia, para não agravar o problema.

(Revista Veja, São Paulo, 07 fev. 2007.)

35. (Cps) O texto caracteriza-se por:

- I. Dar ao leitor informações sobre quem é o responsável pela obra.
- II. Trazer um resumo da ideia central do trabalho.
- III. Apresentar, de forma impessoal, os aspectos da obra.
- IV. Utilizar linguagem formal, rebuscada e hermética.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.
- b) I e III, apenas.
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II e III, apenas.
- e) I, II, III e IV.

36. Os parágrafos abaixo estão fora de ordem. Assinale a alternativa em que a sequência dos números corresponde à sequência lógica desses parágrafos. O texto original, redigido por Hélio Schwartsman para a Folha de S. Paulo, sofreu muitas adaptações e não mais corresponde à opinião do autor.

1. Ele cometeu em sua declaração pelo menos dois grandes pecados epistemológicos. Falou em “todos os testes” sem dizer quais e fez uma generalização apressada.
2. Podemos concluir que as forças da civilização exigem que abandonemos essa forma primitiva de pensar e utilizemos a razão e não reações instintivas no trato com outros seres humanos. É isso que Watson, mesmo com toda a sua genialidade científica, não foi capaz de fazer.
3. Os testes a que o laureado se referiu são provavelmente as tabelas de Richard Herrnstein e Charles Murray publicadas em *The Bell Curve* (a curva do sino ou a curva normal), de 1994, um dos livros mais explosivos e criticados da década

passada.

4. James Watson, o codescobridor da molécula de DNA e ganhador do Nobel de 1953, pisou na bola. Declarou que africanos são menos inteligentes do que ocidentais.
5. Quanto à generalização, o fato é que é em princípio errado prejudicar alguém por características (reais ou supostas) que não observamos nessa pessoa, mas no grupo ao qual consideramos que ela pertence.

- a) 4/2/1/3/5.
- b) 4/5/2/1/3.
- c) 4/1/3/5/2.
- d) 5/2/3/4/1.
- e) 2/4/1/3/5.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Leia o seguinte texto narrativo para responder as questões 37 a 41:

O Coração Roubado

(Marcos Rey)

Eu cursava o último ano do primário e como já estava com o diplominha garantido, meu pai me deu um presente muito cobiçado: *O coração*, famoso livro do escritor italiano Edmondo de Amicis, best-seller mundial do gênero infanto-juvenil. Na página de abertura lá estava a dedicatória do velho, com sua inconfundível letra esparramada. Como todos os garotos da época, apaixonei-me por aquela obra-prima e tanto que a levava ao grupo escolar da Barra Funda para reler trechos no recreio.

Justamente no último dia de aula, o das despedidas, depois da festinha de formatura, voltei para a classe a fim de reunir meus cadernos e objetos escolares, antes do adeus. Mas onde estava *O coração*? Onde? Desaparecera. Tremendo choque. Algum colega na certa o furtara. Não teria coragem de aparecer em casa sem ele. Ia informar à diretoria quando, passando pelas carteiras, vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar. Mas... era lá que se sentava o Plínio, não era? Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento, o exemplo para todos nós. Inclusive o mais limpinho, o mais bem penteadinho, o mais tudo. Confesso, hesitei. Desmascarar um ídolo? Podia até ser que não acreditassem em mim. Muitos invejavam o Plínio. Peguei o exemplar e o guardei em minha pasta. Caladão. Sem revelar a ninguém o acontecido. Lembro do abraço que Plínio me deu à saída. Parecia estar segurando as lágrimas. Balbuciou algumas palavras emocionadas. Mal pude retribuir, meus braços se recusavam a apertar o cínico.

Chegando em casa minha mãe estranhou que eu não estivesse muito feliz. Já preocupado com o ginásio? Não, eu amargava minha primeira decepção. Afinal, Plínio era

um colega que devíamos imitar pela vida afora, como costumava dizer a professora. Seria mais difícil sobreviver sem o seu exemplo. Por outro lado, considerava se não errara em não delatá-lo. “Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio. Ele roubou meu livro. E depois ainda foi me abraçar..”

Curioso, a decepção prolongou-se ao livro de Amicis, verdadeira vitrina de qualidade morais dos alunos de uma classe de escola primária. A história de um ano letivo coroadado de belos gestos. Quem sabe o autor não conhecesse a fundo seus próprios personagens. Um ingênuo como a nossa professora. Esqueci-o.

Passados muitos anos reconheci o retrato de Plínio num jornal. Advogado, fazia rápida carreira na Justiça. Recebia cumprimentos. Brrr. Magistrado de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano! Que toldara muito cedo minha crença na humanidade! Decidi falar a verdade. Caso alguém se referisse a ele, o que passou a acontecer, eu garantia que se tratava de um ladrão. Se roubava já no curso primário, imaginem agora... Sempre que o rumo de uma conversa levava às grandes decepções, aos enganos de falsas amizades, eu contava, a quem quisesse ouvir, o episódio do embusteiro do Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, em breve desembargador ou secretário da Justiça.

- Não piche assim o homem – advertiu-me minha mulher.
- Por que não? É um ladrão!
- Mas quando roubou seu livro era criança.
- O menino é o pai do homem – rebatia vigorosamente.

Plínio fixara-se como um marco para mim. Toda vez que o procedimento de alguém me surpreendia, a face oculta de uma pessoa era revelada, lembrava-me irremediavelmente dele. Limpinho. Penteadinho. E com a mão de gato se apoderando de meu livro.

Certa vez tomaram sua defesa:

- Plínio, um ladrão? Calúnia! Retire-se da minha presença!

Quando o desembargador Plínio já estava aposentado, mudei-me para meu endereço atual. Durante a mudança alguns livros despencaram de uma estante improvisada. Um deles O coração, de Amicis. Saudades. Havia quantos anos não o abria? Quarenta ou mais? Lembrei da dedicatória de meu falecido pai. Ele tinha boa letra. Procurei-a na página de rosto. Não a encontrei. Teria a tinta se apagado? Na página seguinte havia uma dedicatória. Mas não reconheci a caligrafia paterna.

“Ao meu querido filho Plínio, com todo amor e carinho de seu pai.”

37. Segundo o texto, pode-se dizer que não houve erro de avaliação em:

- a) “vi a lombada do livro, bem escondido sob uma pasta escolar.”

- b) "...meus braços se recusavam a apertar o cínico."
- c) "Vocês estão todos enganados, e a senhora também, sobre o caráter do Plínio."
- d) "Magistrado de futuro o tal que furtara meu presente de fim de ano!"
- e) "Plínio, o primeiro da classe em aplicação e comportamento,..."

38. O mal-entendido presente no texto originou-se porque

- a) o narrador, na época, era uma criança.
- b) o narrador não considerou a possibilidade de existência de um outro livro.
- c) jamais se poderia pensar que Plínio pudesse roubar o livro.
- d) o narrador roubou o livro de Plínio.
- e) o único livro encontrado estava escondido.

39. "Na página de abertura, lá estava a dedicatória do velho, ..."

A maneira com que o filho refere-se ao pai denota

- a) desprezo.
- b) respeito.
- c) carinho.
- d) formalidade.
- e) desrespeito.

40. "– O menino é o pai do homem – rebatia vigorosamente."

Com isso, o narrador quis dizer

- a) exatamente o que diz o provérbio "filho de peixe, peixinho é."
- b) que o filho será no futuro o que foi o pai.
- c) que as aparências enganam, como no caso de Plínio.
- d) que a criança revela a essência do que será o adulto no futuro.
- e) que Plínio é como os personagens do livro de Amicis.

41. Pelo desfecho da crônica, pressupõe-se que

- a) o narrador não perdoou Plínio.
- b) a dedicatória do pai do narrador alterou-se com o tempo.
- c) alguém escreveu outra dedicatória no livro.
- d) o narrador percebeu que se equivocara.
- e) a relação entre Plínio e o narrador recrudescer.

Banho de mar é energizante?

Embora não existam comprovações científicas, muitos especialistas acreditam que os banhos de mar tragam benefícios à saúde. “A água marinha, composta por mais de 80 elementos químicos, alivia principalmente as tensões musculares, graças à presença de sódio em sua composição, por isso pode ser considerada energizante”, afirma a terapeuta Magnólia Prado de Araújo, da Clínica Kyron Advanced Medical Center, de São Paulo. “Além disso, as ondas do mar fazem uma massagem no corpo que estimula a circulação sanguínea periférica e isso provoca aumento da oxigenação das células”, diz Magnólia. Existe até um tratamento, chamado talassoterapia (do grego thalasso, que significa mar), surgido em meados do século IX na Grécia, que usa a água do mar como seu principal ingrediente. Graças à presença de cálcio, zinco, silício e magnésio, a água do mar é usada para tratar doenças como artrite, osteoporose e reumatismo. Já o sal marinho, rico em cloreto de sódio, potássio e magnésio, tem propriedades cicatrizantes e anti-sépticas. Todo esse conhecimento, no entanto, carece de embasamento científico. “Não conheço nenhum trabalho que trate desse tema com seriedade, mas intuitivamente creio que o banho de mar gera uma sensação de melhora e bem-estar”, diz a química Rosalinda Montoni, do Instituto Oceanográfico da USP.

Revista Vida Simples, ed. 16, maio de 2004, p. 19.

42. Qual das afirmações a seguir pode ser depreendida do texto acima?

- a) As propriedades cicatrizantes do sal marinho fazem do banho de mar um remédio eficaz na cura de infecções.
- b) Embora o banho de mar proporcione bem-estar, não há certeza de que ele tenha propriedades curativas.
- c) Para incluir o banho de mar em um tratamento, é necessário que antes se comprovem cientificamente suas propriedades medicinais.
- d) A talassoterapia usa o banho de mar no tratamento de diversos problemas de saúde.
- e) As propriedades terapêuticas atribuídas ao banho de mar são fruto de credence, uma vez que não foram comprovadas cientificamente.

43. Qual é a idéia central do texto acima?

- a) Os depoimentos científicos sobre as propriedades terapêuticas do banho de mar são contraditórios.
- b) Molhar-se com água salgada é energizante, mas há necessidade de cuidados com infecções.
- c) O banho de mar tem uma série de propriedades terapêuticas, que não têm comprovação científica.
- d) Os trabalhos científicos sobre as propriedades medicinais do banho de mar têm publicações respeitadas no meio científico.
- e) A água do mar é composta por vários elementos químicos e bactérias que atuam no sistema nervoso.

44. Qual das sentenças abaixo reproduz adequadamente uma relação entre idéias presente no texto?

- a) Muitos especialistas acreditam que o banho de mar traga benefícios à saúde, visto que não existem comprovações científicas.
- b) A água do mar pode ser considerada energizante apesar de ser composta por mais de 80 elementos químicos.
- c) A massagem feita pelas ondas do mar provoca aumento da oxigenação das células através da estimulação da circulação sanguínea.
- d) A água do mar apresenta cálcio, zinco, silício e magnésio em sua composição, no entanto ela é usada para tratar doenças como artrite, osteoporose e reumatismo.
- e) A água do mar alivia as tensões musculares, estimula a circulação sanguínea e tem propriedades cicatrizantes e anti-sépticas. Além disso ela carece de embasamento científico.

Após a notícia de que os alunos de escolas públicas de São Paulo usariam uniformes com marca de patrocinadores, o jornal Folha de S. Paulo publicou, em 10/09/2005, duas respostas à questão: “É correto veicular publicidade em uniformes escolares em troca de sua doação?”. Leia a seguir trechos dessas respostas.

Texto 1

Apesar de a questão ter despertado tantas opiniões, não temos, ainda, uma proposta concreta da Abravest (Associação Brasileira do Vestuário). A oferta verbal foi de uniformes com pequena propaganda institucional na manga da camisa e no bolso traseiro da calça, excluindo bebida e fumo.

A polêmica é útil menos pela questão dos uniformes e mais por discutir a parceria público-privada, desnudar as mazelas da educação, suas prioridades óbvias – nem sempre consideradas – e a falta de recursos que fazem destes R\$ 65 milhões gastos [pelo governo] com uniformes uma verba preciosa para atender suas reais necessidades. [...]

Com os R\$ 65 milhões, poderíamos, a cada ano, construir mais 50 escolas ou colocar 35 mil crianças em creches conveniadas e dar melhor conforto aos nossos professores. Acabaríamos, em quatro anos, com a demanda reprimida das creches, com os três turnos diurnos e melhorariamos a qualidade do ensino. (José Aristodemo Pinotti, Secretário de Educação do município de São Paulo.)

Texto 2

O uso de propaganda nos uniformes das escolas da Prefeitura de São Paulo fere direitos constitucionais das crianças e dos adolescentes. O mesmo artigo 227 da Constituição de 1988, que estabelece o direito à educação, determina como dever do Estado protegê-los da exploração econômica.

Ao utilizar os uniformes escolares para veiculação de logomarca comercial, a prefeitura, em flagrante contradição com a lei federal, faz deles garotos e garotas-propaganda de empresas que obviamente pretendem obter retorno financeiro por meio da divulgação da logomarca institucional ou marca de seu produto no espaço escolar, nos meios de transporte e em todos os lugares por onde andarem os eventuais

recém-contratados outdoors ambulantes. (Fábio Bezerra de Brito, diretor da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP)

45. Segundo os textos 1 e 2, é correto afirmar:

- I. Embora façam uso de argumentos diferentes, Pinotti e Brito defendem o mesmo ponto de vista sobre a veiculação de propaganda nos uniformes escolares.
 - II. Para Brito, é inaceitável veicular publicidade em uniformes escolares, uma vez que essa prática configura a exploração econômica de crianças e adolescentes.
 - III. Segundo Pinotti, a questão dos uniformes com propaganda dos patrocinadores já foi discutida com a Abravest, mas as instituições interessadas ainda não formalizaram um acordo.
 - IV. Para Pinotti, os benefícios decorrentes da economia com a compra de uniformes são maiores do que o custo de impor aos alunos uniformes com publicidade.
- a) Somente as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
 - b) Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.
 - c) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
 - d) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
 - e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

46. NÃO é possível deduzir dos textos 1 e 2:

- a) Os uniformes escolares não veicularão propaganda de produtos nocivos à saúde.
- b) A Secretaria de Educação do município de São Paulo compra uniformes para os alunos das escolas públicas.
- c) A ampla divulgação de uma logomarca institucional ou da marca de um produto tem como resultado um aumento de faturamento.
- d) Obrigar alunos de escolas públicas a usar uniformes com marcas institucionais configuraria exploração econômica.
- e) Os professores das escolas públicas estão reivindicando mais conforto no ambiente de trabalho.

Passo no Rumo Certo – texto para as questões 13 a 16

(Veja, Editorial, 07 jul. 2005.)

Na semana passada, a claque convocada para a inauguração de um aeroporto na cidade mineira de Uberlândia ouviu de Lula a seguinte frase: “Quero dizer que a crise é extremamente grave. Em horas de crise é preciso ter muita paciência para não tomar decisão precipitada, não se deixar levar pelo estado emocional, mas, sim, pela razão”. Embora o presidente já tenha se manifestado a respeito da difícil situação política em diversas ocasiões (não raro para negar a sua realidade, como se tudo não passasse de uma alucinação coletiva promovida por prestidigitadores da elite, mas deixemos isso

de lado), foi a primeira vez que ele uniu à palavra “crise” um advérbio de intensidade, “extremamente”, e um adjetivo grandiloquente, “grave”. O encadeamento de tais termos permite supor que Lula finalmente (no que pode ser considerado um advérbio de alívio) reconheceu a existência da fissura ética, política e criminosa que há mais de 100 dias se aprofunda mais e mais, levando o governo de cambulhada.

Nessa hipótese, e não se quer aqui evocar o doutor Pangloss, aquele personagem de Voltaire para quem todos vivíamos no melhor dos mundos, é uma ótima notícia o presidente ter admitido que o horizonte anda carregado. Pelo simples motivo de que, para sanar um problema, qualquer que seja ele, é preciso antes de mais nada reconhecer sua existência. Caberia agora a Lula contribuir para que a resolução da crise seja efetiva, não deixando margem à impressão olfativa de que tudo terminará em pizza. O presidente volta e meia afirma que não tem como interferir no andamento das investigações e das punições. Não é verdade. Pelo peso de seu cargo, e sem extrapolar suas atribuições constitucionais, Lula pode, sim, proceder a que corrompidos e corrompedores, no Legislativo e no Executivo, sintam na carne e na biografia que não sairão impunes dos crimes de desvio de dinheiro público, formação de quadrilha e tráfico de influência. Ao empenhar-se com afinco nesse objetivo, movido pela razão e sem emocionalismos, o presidente prestaria ao mesmo tempo um grande serviço ao Brasil e a si próprio.

47. Num texto, podemos manifestar nossa opinião de forma clara, explícita, ou deixá-la nas entrelinhas. Todas as afirmativas abaixo são opiniões do autor que podemos deduzir do texto, EXCETO:

- a) Já era hora de o presidente reconhecer a gravidade da situação.
- b) É uma tática do governo levar pessoas aos eventos em que comparece o presidente para aplaudi-lo.
- c) A partir do ocorrido em Uberlândia, a crise está resolvida, pois o presidente reconheceu que ela existe.
- d) É necessário desfazer a impressão de que não haverá punição para os acusados.
- e) A interferência de Lula nas investigações configuraria extrapolação de suas atribuições constitucionais.

48. Ainda sobre o texto *Passo no Rumo Certo*, é correto afirmar:

- a) Ao dizer que “é preciso ter muita paciência”, o presidente deixa transparecer sua opinião de que a crise não é ética.
- b) Na situação relatada, o presidente explica a crise como uma alucinação coletiva promovida pela elite.
- c) O presidente Lula e o autor têm a mesma opinião a respeito do procedimento a ser adotado no andamento das investigações e das punições.
- d) Se a crise não for solucionada da forma como deve ser, além de o país ser prejudicado, o presidente terá sua imagem comprometida.
- e) A punição dos responsáveis não deve comprometer a sua vida política.

49. No editorial citado, a revista Veja defende:

- a) uma investigação cautelosa das denúncias de corrupção, para evitar decisões precipitadas, seja do legislativo, seja do executivo.
- b) a isenção e distanciamento da presidência, que deve respeitar o princípio da autonomia do legislativo.
- c) a investigação sobre a responsabilidade de membros do executivo e do próprio presidente Lula nos casos de corrupção.
- d) a concretização de um acordo entre os partidos para pôr fim à crise e permitir a retomada das atividades rotineiras do legislativo.
- e) a participação ativa da presidência da República, para garantir a punição dos políticos envolvidos com a corrupção.

A tirinha a seguir refere-se à questão 50:



50. Após ter lido a tira de Mafalda, analise as proposições abaixo, conforme o que se pode inferir a respeito do texto.

- I. A temática do texto toma como referência o planeta Terra e os problemas que o afetam.
- II. O diálogo mantido entre os interlocutores evidencia as questões que afetam o mundo e suas conseqüências para a humanidade.
- III. A comicidade do texto se dá em razão da quebra de expectativa gerada pela personificação que Mafalda atribui ao mundo.

Está(ão) CORRETA(S) apenas a(s) proposição(ões)

- a) III
- b) I e II
- c) I
- d) II
- e) I e III